

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

MARLI DA SILVA LOCATELLI

**Nas Ondas do Rádio, Histórias do Baú:
Reforçando o Letramento e os Valores**

**Porto Alegre
2012**

MARLI DA SILVA LOCATELLI

**NAS ONDAS DO RÁDIO, HISTÓRIAS DO BAÚ:
REFORÇANDO O LETRAMENTO E OS VALORES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientadora Professora:
Prof.^a Sandra Andrea Assumpção Maria**

**Porto Alegre
2012**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na

Educação: Profa Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação:

Profa Liane Margarida Rockenbach Tarouco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, em especial a minha mãe, Ana Antônia, a quem honro pela sua história de vida, em seus 90 anos sempre foi uma guerreira, amorosa e dedicada na educação de seus filhos, dizendo sempre que com Deus é mais fácil de vencer qualquer batalha. Ela é minha inspiração, dela trago essa vontade de vencer e melhorar o espaço educacional junto a meus colegas que acreditam numa educação onde possa ser construída, vivenciada, e que seja permanente.

AGRADECIMENTOS

São muitos, e tão merecidos...

Ao meu Deus primeiramente, pois sem a ajuda dele nada faria.

Aos meus pais pela vida e pela caminhada da minha história que ajudaram a construir.

Ao meu esposo, João Locatelli, o grande incentivador para que esse momento acontecesse.

Aos filhos Josane, Marlon e nora Catiane que sempre me apoiaram e souberam entender essa caminhada tão sonhada.

Aos Sobrinhos Elber e Leonardo pelas ajudas tecnológicas.

A direção, gestores e alunos da escola onde trabalho, pela colaboração e incentivo na realização das tarefas durante o curso.

Aos colegas do curso Mídias em Educação pela amizade e coleguismo na participação e troca de conhecimentos.

Em especial minha amiga e colega Sonilda, que sempre foi a minha força, incentivadora, na realização das tarefas.

A professora Sandra Andrea Assumpção Maria que sempre deu suporte auxiliando e ajudando na realização deste trabalho.

Enfim muito obrigada a todos que compartilharam comigo esse momento tão importante para minha vida profissional.

RESUMO

O envolvimento com a contação de histórias para os anos iniciais do Ensino Fundamental, através da Rádio Escolar, trouxe alguns questionamentos sobre a influência desse recurso na prática educativa. Ao analisar o programa Histórias do Baú sob a perspectiva sociocultural e Vygotsky, entende-se a contação de histórias como uma atividade de letramento. Esta pesquisa tem por objetivo geral aprofundar as possibilidades de letramento e de fortalecimento de valores através da contação participativa de histórias na Rádio Escolar. O problema central da pesquisa interroga até que ponto o letramento com a Contação de Histórias, está sendo aprofundado e relacionado com o fortalecimento de valores junto aos alunos dos anos iniciais. O contexto da pesquisa é o do espaço da Rádio Escolar de uma Escola Pública estadual do RS, local do trabalho voluntário da pesquisadora. A metodologia de pesquisa qualitativa toma por instrumentos entrevistas com professores e análise dos programas da Rádio. Com base em Vygotsky (2007), buscou-se a teoria sociocultural de aprendizagem interativa; em relação ao letramento e a contação de histórias buscou-se aportes em Soares (2000) e Busatto (2003). Os valores são analisados com base nos debates entre Inoue, Migliori e D'Ambrosio (1999). Os resultados apontam que o letramento perpassa o programa da Rádio Escolar mas permanece desvinculado de um processo de continuidade na sala de aula. Conclui-se que o letramento e o fortalecimento de valores fazem parte do conteúdo curricular porém em menor parcela quando comparado com o espaço dado aos demais conteúdos. Os resultados apontam que os programas Histórias do Baú da Rádio Escolar criam impactos positivos nos alunos no letramento e no fortalecimento dos valores.

Palavras-chave: rádio escolar – contação de histórias – letramento – valores.

ABSTRACT

Involvement with storytelling by Radio School brought some questions about the influence of this feature in educational practice. We analyze the program's Chest Stories from the perspective of Vygotsky's socio-cultural, understanding storytelling as a literacy activity. This research takes a general purpose, deepen the possibilities for strengthening literacy and values through storytelling participatory stories on Radio School. The central problem of research questions the extent to which literacy through storytelling is related to the depth and strength of values among the students of the early years and in that aspect. The research context is the space of the school of a Radio Public School state of RS, workplace researcher. The research methodology adopted is by taking a qualitative instruments, interviews and analysis of programs. Based on Vygotsky (2007) we examine the theoretical aspect of socio-cultural interactive learning, the issue of literacy and storytelling searched in Soares (2000) and Busatto (2003) contributions. The question of values is analyzed based on discussions between Inoue, Migliori and D'Ambrosio (1999). The results indicate that the literacy program happens at the Radio School but remains detached from a process of continuity in the classroom. It was concluded that the literacy and strengthening values remain low as a curriculum content and therefore does not earn status as other organizational content. The Radio School and its program creates positive impacts on students in literacy and strengthening of values.

Key words: radio school – storytelling – literacy – values.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

36ª CRE	36ª Coordenadoria Regional de Educação
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
NTE	Núcleo de Tecnologia Escolar
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNIJUÍ	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	14
2.1 Trajetória da Autora e o Tema da Pesquisa	14
2.2 Objetivos Geral e Específicos	19
2.3 Descrição do Problema de Pesquisa.....	20
3 REVISÃO DA LITERATURA	22
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	30
4.1 Fundamentos do Letramento e Valores na Rádio Escolar	30
4.1.1 Perspectiva Sociocultural.....	30
4.1.2 O Letramento pela Contação de Histórias	33
4.1.3 Valores e seu Fortalecimento.....	41
4.2 Inovações Pedagógicas na Escola Democrática.....	43
4.2.1 Práticas Pedagógicas Democráticas e as TICs	43
4.2.2 O Rádio e a Educação.....	46
4.2.3 Crianças da Atualidade: Sujeitos de Direitos e Participativos	48
5 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	51
6 A RÁDIO ESCOLAR E O PROJETO EDUCATIVO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	53
6.1 O Projeto “Nas Ondas do Rádio: Histórias do Baú”	53
6.2 Análise da Programação da Rádio Escolar.....	54
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS.....	67
ANEXOS	70

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, os meios de comunicação e informação se tornaram acessíveis e chegam indistintamente em todas as camadas sociais da população, sendo absorvidos de tal forma que ocupam muitas vezes todo o tempo de conversas diárias tanto das crianças quanto dos jovens, adultos e idosos, em seus locais de trabalho, na escola, entre amigos, em casa, nas ruas e nas mais diversas instituições.

A influência dos meios de comunicação é facilmente demonstrável através das atitudes, comportamentos, gostos e valores incorporados por aqueles cujos desejos permanecem heterônomos, ou seja, por quem se deixa levar por tudo que ouve e vê. Nem sempre os exemplos são positivos e dignos de se imitar, no entanto, estão aí a influenciar multidões.

A escola no século XXI enfrenta grandes desafios diante da quantidade e diversidade de informações e avanços tecnológicos. Hoje o conhecimento se dá em rede e a tecnologia trata de constituir essas redes e teias que se espalham pelo mundo globalizado, diminuindo os limites para conhecer, aprender, trocar informações, cultura e conhecimentos.

As informações estão disponíveis e com fácil acesso, mas é preciso que elas sejam sistematizadas, analisadas criticamente para que se transformem em conhecimento nos espaços internos e externos da sala de aula. A escola, pelo fato de desenvolver um trabalho planejado e intencional, tem o compromisso de contribuir com análises nas escolhas feitas pelo público infanto-juvenil que integra o seu ambiente.

O professor deixa de ser aquele que ensina para ser aquele que cria situações de aprendizagens. É o mediador, portanto, ele é desafiado a

proporcionar ao aluno modos diferentes de aprender integrando várias áreas do conhecimento bem como as diferentes mídias, viabilizando aprendizagens para a vida.

Nesse sentido, o tema da pesquisa trata da influência do Rádio Escolar e sua programação de contação de histórias no letramento¹ e no fortalecimento de valores junto a alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo foi analisar e aprofundar as possibilidades de letramento e de fortalecimento dos valores através da contação participativa de histórias na Rádio Escolar.

O contexto da pesquisa foi o espaço da Rádio de uma Escola Pública estadual do RS, local de trabalho da pesquisadora. A metodologia de pesquisa adotada foi a qualitativa tomando por instrumentos entrevistas e análise dos programas desenvolvidos na Rádio Escola.

A importância do tema justifica-se a partir da realidade das escolas apontada como carente de sistematicidade e continuidade na área da aprendizagem da língua. A alfabetização vem sendo desenvolvida hoje mediante atividades sem relação umas com as outras e que se sucedem de acordo com a conveniência do professor. Há casos em que o professor coleciona atividades e as inclui nos planejamentos sem se perguntar sobre o que fazer antes da atividade, o que deverá fazer depois e como a atividade se relaciona com o processo de aprendizagem na etapa em que o aluno está inserido.

A relevância do tema se confirma ainda diante da necessidade de, num currículo escolar democrático, desenvolver a linguagem oral, a leitura e a escrita como um compromisso de todos os professores, sobretudo, por meio de um letramento significativo e participativo. A Rádio escolar oferece esse espaço complementar a sala de aula para aprofundá-lo e discutir no coletivo, abrangendo todas as turmas, ideias e valores impressos pelos autores nas obras de literatura infanto-juvenis.

A pesquisa partiu de um estudo teórico coerente com a proposta e examina amostras da programação da Rádio Escolar, descritos

¹Letramento: conceito explicitado no capítulo IV da Fundamentação Teórica.

detalhadamente, tendo por critérios o letramento e o fortalecimento de valores. Ela foi desdobrada em etapas que deram origem aos capítulos a seguir descritos.

No capítulo intitulado **Contextualização da Pesquisa**, é descrita a trajetória pessoal e profissional a fim de demonstrar o vínculo da pesquisadora como tema que mobilizou essa pesquisa.

No capítulo 3, buscou-se analisar outras pesquisas cujos temas apresentam afinidade com a proposta escolhida a fim de visualizar o que a diferencia em propósitos e metodologia.

A fundamentação teórica, apresentada no capítulo 4, versa sobre letramento, contação de histórias e a relação com o programa de Rádio Escolar “Histórias do Baú”.

Logo, o subcapítulo **Inovações Pedagógicas na escola democrática** aborda, a partir da discussão sobre a compreensão da criança como sujeitos de direitos e participativos. A partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) compreende-se que criança é sujeito de direitos e, portanto, pressiona a escola a aderir a práticas participativas de acordo com a vertente da Pedagogia da participação². Além disso, discorre sobre a relação entre as práticas pedagógicas democráticas e a inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), em especial o Rádio na Escola, situando os desafios da escola contemporânea diante da nova geração imersa na tecnologia, ou seja, como nativos digitais³.

Nesse capítulo, aborda-se sobre **A Rádio Escolar e o projeto educativo de contação de histórias**, onde é contextualizada a Rádio Escolar quanto a seu funcionamento, desenvolve-se a descrição analítica dos programas Histórias do Baú, do Rádio Escolar, através da contação de

²Pedagogia da Participação: realiza o diálogo entre a intencionalidade conhecida para o ato educativo e sua realização no contexto com os atores. Os atores são pensados como ativos, competentes e com direito a co-definir o itinerário da apropriação da cultura chamada educação (FORMOSINHO, 2007, p. 19).

³Geração nativo digital – desde a primeira infância convive com vários tipos de aparelhos tecnológicos dominando sua lógica de manuseio, tais como: celular, tablet, computadores, TV, DVDs. Compreende a lógica dos programas inseridos nesses aparelhos e faz uso deles com muita facilidade.

histórias, tendo por foco seus impactos no letramento e no fortalecimento dos valores.

No capítulo 5 explica-se a **Metodologia da pesquisa qualitativa**, seus fundamentos e como a pesquisa foi realizada.

O capítulo 6 aborda **A Rádio Escolar e o projeto educativo de contação de histórias** e remete ao replanejamento do projeto a fim de aprofundar e aprimorar seus objetivos da programação destinada aos anos iniciais.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

O tema dessa pesquisa surgiu porque é parte integrante da vida profissional da pesquisadora, por isso, organizar este trabalho monográfico foi a oportunidade de teorizar o que se pratica. A seguir, contextualizam-se os propósitos deste estudo. Nessa primeira parte, emprega-se a primeira pessoa do singular, já que se trata de um relato diretamente ligado à trajetória profissional da autora.

2.1 Trajetória da Autora e o Tema da Pesquisa

Desde os tempos mais remotos o ser humano sentiu a necessidade de favorecer o contato com conhecimentos sobre as suas origens, suas crenças, seus costumes, seus valores e sobre a origem das coisas e o fez através da linguagem oral, expressa em forma de relatos transmitidos de um povo a outro, de uma aldeia a outra. Por sua vez, no contexto da contação de histórias quem conta um conto, aumenta um ponto, assim sendo, muitos relatos se transformaram em contos. Eles se perpetuaram na história através da voz dos contadores de história, através dos mitos, lendas, contos de fadas e fábulas presentes em todas as civilizações.

Voltar aos tempos de criança é uma trajetória bonita de recordar. Viver no campo junto à natureza: correr, pular, brincar, plantar a semente na terra, observar o crescimento, ver as flores, os frutos tudo a crescer era algo fantástico para uma mente infantil. Sem deixar de mencionar o cuidado com a vida animal, desde observar o vaga-lume e suas luzes na várzea iluminando as noites quentes de verão até tirar leite da vaca, buscar o pasto, ir até o riacho e

dar de beber aos animais, eram minhas tarefas diariamente, isso foi um grande aprendizado para entender a vida como um todo.

Que alegria foi a época dos sete anos quando chegou o momento de eu e meus irmãos irmos à escola juntos, nos interrogando sobre o que aprenderíamos. Receber um livro só para mim, a Cartilha do Guri, o primeiro livro didático ganho na escola, foi uma grande surpresa. Com a cartilha, a cada dia acontecia a descoberta de um som, da leitura e da escrita das letras, era fascinante para uma criança recém chegada na escola.

No entanto, dentro de três meses de atividades escolares, a professora adoeceu, faleceu e a escola fechou. Fomos obrigados a ficar em casa naquele ano. Era uma turma multisseriada, isto é, onde só uma professora atendia todos os alunos de primeira a quinta série.

Papai conseguiu em casa, me alfabetizar com seu jeito simples e humilde, passou a magia da leitura e escrita, utilizando as letras dos rótulos dos produtos e usando para a escrita papel almaço do balcão de sua loja ou *bodega* como era chamada lá no interior. Para os números e cálculos matemáticos, de maneira concreta, utilizava os produtos da prateleira para adição e subtração.

No ano seguinte, a escola mais próxima era a 5 Km e para chegar até lá o transporte usado era o cavalo. Como tinha um riacho sem ponte, para tranquilidade dos meus pais, eu e minha irmã passamos a morar na casa da nova professora de segunda-feira a sexta-feira. Fomos adotadas por ela, pois não tinha filhos. Ganhamos um quarto decorado de maneira simples, com uma cama, uma cadeira, uma mesa e uma pequena prateleira onde guardávamos os pertences e muitos livros com histórias fascinantes que podíamos ler, nas horas vagas, depois de terminar as tarefas de casa e da escola.

Na minha escola chamada *Brizoleta*, sexta-feira era um dia muito legal e especial. Até as 10 horas a aula era normal e em seguida, acontecia o que hoje eu chamaria de Rádio na Escola. A programação era mais ou menos assim: cada semana dois alunos coordenavam o programa, anunciando a participação dos colegas inscritos. Apresentavam canções, histórias, adivinhações, concursos, charadas e curiosidades retiradas da revista Nosso

Amiguinho e Revista Pedagógica do Professor que trazia lindos cartazes coloridos, sobre temas diversos.

Nas datas especiais aconteciam programas dirigidos aos pais quando, cada aluno, ou um grupo deles, fazia suas apresentações. Cada um queria fazer sua parte melhor do que a do outro. Na igreja, nos finais de semana, não era diferente. Todos participavam com as professoras, na escola sabatina, das histórias, cânticos e tarefas realizadas pelas crianças.

Minha formação até o segundo grau também foi em escola pública, localizada na cidade de Palmeira das Missões a 40 km de casa. Sempre parando na casa de parentes, fazendo as tarefas da casa, cuidando das crianças e em troca recebendo o espaço para morar. Namorei e casei com um professor, dessa união tivemos dois filhos, o filho trabalha na área da enfermagem e a filha, é bióloga e atua como professora.

Cursei Estudos Sociais na UNIJUÍ⁴ (1977) e Geografia na UFPEL⁵ (1986). Trabalhei por 30 anos na rede particular, nas séries iniciais e educação infantil e paralelamente na rede pública estadual com os componentes curriculares: ensino religioso, história e geografia, nas séries finais do Ensino Fundamental.

A participação no projeto da Rádio na Escola (2009) onde trabalho atualmente, partiu do convite feito pela diretora aos voluntários que quisessem participar de 8 oficinas no Campus da Unijuí, com a Professora Vera Radatz, da área de Comunicação da UNIJUÍ em parceria com a 36ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE). Paralelamente, em 2009, iniciei no Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) da 36ª CRE de Ijuí o curso de TICs, totalizando 180 horas, pois até então era leiga quanto ao uso das tecnologias para desenvolver novas metodologias de aprendizagem na educação.

No ano de 2010 participei do Curso Mídias Módulo Introdutório pela UFRGS⁶, onde foi um passo a mais para compreender a grandiosidade e a importância das tecnologias na escola, como ferramentas para desenvolver as

⁴UNIJUI : www.unijui.edu.br.

⁵UFPEL: www.ufpel.edu.br/.

⁶UFRGS: www.ufrgs.br/.

aprendizagens dos conteúdos desenvolvidos nas disciplinas, aproveitando as novas aprendizagens para aplicá-las em minha prática pedagógica.

Sempre gostei de desenvolver trabalhos voluntários na comunidade. Há quatro anos desenvolvo na escola onde trabalho, com as turmas dos anos iniciais, a contação de histórias através do Projeto “Nas Ondas do Rádio, Histórias do Baú”. São momentos bastante esperados pelas crianças.

Sempre usei em minhas aulas momentos de contação de histórias. Isso é resultado de uma influência muito peculiar. Na minha história de vida tive o privilégio de conviver com um contador ambulante de histórias, analfabeto, que em nossa casa passava e permanecia por longos períodos de tempo, quando não tinha trabalho. Suas histórias eram sobre as aventuras de Pedro Malasartes, João Sem Medo, Rei e Rainha maus, entre outras. Pedro Malasartes é um personagem tradicional da cultura portuguesa nos contos populares, era astucioso, cínico, sempre fazendo enganos sem escrúpulos e sem remorsos. Era muito gostoso ouvir suas histórias.

A história de João Sem Medo conta que ele era um dos dois filhos de uma família portuguesa que nunca soube o que era medo e então, como era muito preguiçoso, saiu de casa para suas aventuras, conheceu reis, castelos assombrados, fez até fantasmas fugirem, usando sempre de suspense, suas histórias eram de deixar a gente com vontade de ouvir mais na noite seguinte.

Pesquisando sobre esse personagem descobri que sua história faz parte dos contos de fadas e foi lançada pela primeira vez em forma de panfleto, em 1933. Portanto alguém contou a ele essas histórias que através da oralidade passou de geração a geração até ele.

A sedução pela história foi tanta que ficou impressa em mim a ponto de despertar o desejo de também ser contadora de histórias. Ao me desenvolver como contadora de histórias percebia que meus alunos se concentravam mais nas aulas quando o ensino se utilizava o recurso das histórias. Em cada turma isso se confirmava especialmente quando as crianças tinham a oportunidade de demonstrar aos pais o que aprenderam de maneira prazerosa, usando da expressividade e lógica. Afirmando isso a partir dos comentários que recebia e recebo, até hoje, dos pais.

O momento da contação de histórias, segundo meu entendimento, deve ser mágico, envolvente, por isso, até hoje escolho ambientes diferentes onde possa fazê-lo como na biblioteca, no cantinho da história da sala de aula, no pátio, na sala de projeção de vídeo ou em qualquer lugar favorável para contar uma história e utilizando-me de materiais encontrados na própria natureza.

A contação de histórias radializadas acontece com a participação das turmas como se fosse uma aula e, para tanto, providencio cenários de acordo com o tema da história ou do programa todo, por exemplo, se for um programa envolvendo fato histórico como Semana Farroupilha ou Natureza, como a Primavera, Dia da Árvore, o cenário e os materiais ilustram concretamente o tema do qual o programa fala.

Para o programa da Rádio Escola, escolho histórias que passem valores, conhecimentos e que sejam educativas. Além da equipe de som, locutores e repórter utilizam várias tecnologias, desde o rádio (fita cassete), vídeo, TV, notebook e projetor de slides ou através de ilustrações em feltro ou papel e materiais reais, com uso do microfone. Junto a esse momento há o envolvimento das crianças através de cânticos, entrevistas, participações com a indicação de músicas, poemas, leituras, contação de histórias e outras atrações de acordo com os temas trabalhados. Ainda levam como tarefa, desenhos para pintar e escrever a história, que devem ser contadas para duas pessoas da família em casa.

Nesse semestre, estou realizando o programa da Rádio Escolar, na escola onde trabalho, com as turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no período da tarde, envolvendo os alunos dos anos finais que participam da Rádio Escola como locutores, repórteres e técnicos de som. As crianças estão participando com a indicação de músicas, poemas, leituras, contação de histórias e outras atrações de acordo com os temas trabalhados.

Há grande apoio da direção e coordenação da escola e aos poucos nosso trabalho está sendo valorizado. A coordenação pedagógica nos assessora e estimula a participar de acordo com os princípios de uma escola democrática. Entende-se por escola democrática aquela que abre espaço e

estimula os alunos a serem ativos, pensantes e criativos, dando liberdade ao grupo de professores para criarem seus projetos com oportunidades para melhorar a cada dia o espaço de trabalho, constituindo cidadãos conscientes de que fazem parte de um espaço que é construído por cada um e por todos.

As crianças estão deixando bem claro que o momento de contação de histórias no espaço da rádio é esperado com muito carinho todas às segundas-feiras. Suas frequentes manifestações espontâneas de alegria, quando me encontram, atestam o quanto apreciam e aguardam a programação.

Gosto de lembrar um versículo bíblico escrito em Provérbios 6:22 que diz o seguinte: “Ensina a criança no caminho em que deve andar e mesmo quando for velha não se desviará dele”, e esse caminho tem Jesus incluído, e é um dos motivos pelo qual estou fazendo esse trabalho, melhorar o mundo a cada dia mais com um pouco do meu trabalho e minhas ações, fará uma grande diferença na vida de cada criança.

Refletindo sobre o uso da contação de histórias o percebo como uma forma lúdica e prazerosa no processo de construção do ensino e da aprendizagem das crianças despertando nelas a alegria de ler e escrever com mais significado.

Logo, a motivação por esse estudo está diretamente relacionado a minha trajetória pessoal e profissional, assim como por acreditar que se trata de uma estratégia em potencial para a educação.

2.2 Objetivos Geral e Específicos

Esta pesquisa está relacionada com a trajetória da vida pessoal e profissional da pesquisadora cujo objetivo geral se refere:

Aprofundar as possibilidades de letramento e de fortalecimento dos valores através da contação de histórias no programa da Rádio Escolar, dedicado às crianças dos anos iniciais.

Os objetivos específicos buscam analisar o funcionamento do projeto “Nas ondas do Rádio,História do Baú”; acompanhar o processo de aplicação do projeto de contação de histórias na Rádio Escolar e definir o reforço a oferecer ao letramento.

2.3 Descrição do Problema de Pesquisa

A Rádio Escolar é um recurso com grande potencial de influência, por isso, ela não precisa imitar as programações das rádios convencionais. Ela pode apresentar um diferencial alinhado aos propósitos de uma escola democrática. Considerando a contação de histórias no contexto da programação da Rádio Escolar com foco aos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental a partir da contação de histórias, torna-se essencial compreender as possibilidades de aprofundar o letramento e fortalecer valores, a fim de constituir pessoas cidadãs e éticas.

Para além de constituir alunos participativos, pretende-se abrir os horizontes dos alunos para os valores éticos o que pressupõe pessoas letradas. Assim sendo, o problema dessa pesquisa se refere:

A contação de histórias, por meio do projeto “Nas ondas do rádio, histórias do baú” pode favorecer o letramento e o fortalecimento dos valores aos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental?

O problema dessa pesquisa tem relação com os seguintes aspectos:

- a alfabetização mecânica priorizada na maior parte das escolas, está dissociada da constituição de pessoas éticas, com valores elevados, sólidos e com atitudes cidadãs;
- as escolas em geral manifestam descontentamento com as violências que acontecem entre os alunos e que geram atitudes socialmente rejeitadas pela sociedade, interferindo na organização da escola e na aprendizagem;

- o letramento é uma condição que se conquista com planejamentos integrados mas ainda frágil em qualquer nível da escolaridade brasileira.

A Rádio Escolar é um recurso que pode multiplicar as possibilidades de reforçar o letramento significativo. Pode também exercer influências sobre a cidadania ética a partir da compreensão de que ouvindo histórias gera alegria e compartilhamento, facilitando assim a aprendizagem.

A Rádio, como tecnologia e as histórias literárias, tem poder de influenciar de forma prazerosa, e diminuem as tensões diante do aprender. Esta é uma combinação favorável para as práticas democráticas escolares.

3 REVISÃO DA LITERATURA

A fim de situar a pesquisa no contexto dos estudos de outros pesquisadores examina-se artigos, monografias, dissertações que versam sobre a contação de histórias na escola e sua relação com o letramento e a rádio escolar.

A pesquisa intitulada **As histórias infantis como possibilidades de alfabetizar letrando** (UFMT/2006), das autoras Leila Aparecida Schmeier Lizoni, Edna Simão Oliveira, Eliane Graebin, faz uma reflexão sobre o tratamento que se dá à alfabetização hoje. A pesquisa feita com um grupo de professores gerou algumas conclusões sobre o ato de contar histórias como um instrumento pedagógico importante.

As autoras enfatizam a possibilidade de utilizar a história como ajuda na alfabetização e letramento tomando o professor como o mediador fundamental, figura extremamente importante na interação da criança com o mundo da fantasia, de forma lúdica e prazerosa. O processo de desenvolvimento da alfabetização e do letramento é compreendido não apenas como uma decifração ou codificação, mas como provocador de emoções e entretenimento sem deixar de trabalhar a realidade.

O trabalho está focado no despertar o gosto pela leitura e que para tanto, é necessário que o professor narrador de histórias use de criatividade, tornando o ambiente de sala de aula um lugar dinâmico atraente e capaz de promover de forma eficiente a aprendizagem da leitura e da escrita, conhecendo as crianças e motivando-as.

Comentam que o primeiro passo é contextualizar a leitura fazendo a criança compreender o mundo mesmo quando não sabem ler e escrever, para,

mais tarde, querer saber sobre o mundo da leitura e escrita de maneira natural e espontânea.

Abordam ainda que um dos suportes para a criança compreender o mundo é a literatura infantil que vai preencher de modo particular as relações presentes na realidade, aquilo que ela não percebe por conta própria, através das imagens. Outro elemento é a linguagem que, pela leitura, propicia o domínio lingüístico pela criança e, aos poucos, vai despertando o desejo de ler.

Percebem, no decorrer da pesquisa, através das falas dos professores entrevistados, que nenhum deles utiliza a história como um recurso para ajudar a solucionar problemas na alfabetização. Como mediador do processo, é urgente esse envolvimento com entusiasmo, alegria e prazer para narrar histórias e ajudar a criança compreender o mundo da fantasia e mais tarde o mundo real.

Em outra pesquisa, **Em cada casa, um caso** (UFPR/2007), as autoras Angelita Martens e Deisily de Quadros, fazem importantes relatos sobre a arte de contar e ouvir histórias e a utilização do Rádio na Escola descrevendo-a como uma prática de suma importância para a preservação da memória da sociedade, como fonte de identidade cultural e social e na formação de leitores.

As autoras relatam seu projeto após uma breve fundamentação sobre a literatura e a memória, comparando a vida com uma imensa colcha de retalhos. Cada pedacinho de histórias tece a vida. Mostram que é com os pequenos contos que se vive e é vivido por outros que se constrói a grande história.

Com a intenção de preservar a memória da comunidade através da contação de histórias, dos contos e causos, tentando aproximar gerações.

O projeto teve os três fios tecedores (passado, presente e futuro) divididos em etapas pelos alunos que participaram do projeto envolvendo a contação de causos contados no passado pelos alunos, a pesquisa de causos na família, a seleção dos causos, escrita e registros dos mesmos, transformando em livros de tecidos, onde esses textos foram gravados e apresentados na Rádio Escola pelos alunos, no dia da Feira de Projetos

realizada para a comunidade escolar presente, momento de compartilhamento das memórias entre diferentes gerações.

Esse trabalho mostrou ter resgatado memórias, conhecimentos esquecidos entre diferentes gerações de uma comunidade escolar através dos causos, contos e histórias pesquisadas e contadas pela própria comunidade, ampliando o repertório dos alunos, valorizando e mantendo viva a cultura na sociedade local. Envolveu a participação de idosos contando parte das histórias, gravando suas vozes e assim, puderam aprender e recontar ao grupo maior através da Rádio na Escola.

Além disso, mostra também o envolvimento do professor e alunos construindo junto o resgate da história através de contos sobre a memória da sociedade. Desenvolveram várias atividades letradas como a pesquisa, diálogo, escrita, leitura e finalmente a comunicação oral expressa no espaço da Rádio na Escola, ferramenta essa finalmente usada para mostrar de maneira prazerosa a história recuperada.

Outro trabalho analisado foi **Contação de Histórias: uma alternativa para o letramento literário** realizado por Luana Lensen Gonçalves e Marta Lia Genro Appel, acadêmicas do Curso de Letras da UNIFRA/2008, Santa Maria em um trabalho voluntário em uma Escola de dança. Partiram da ideia de que a leitura é um processo que acontece sem o contato direto entre o receptor/leitor e o emissor/autor mostrando que um texto pode permitir diversas leituras, interpretações, por um leitor ou leitores em um momento ou em diferentes momentos.

O trabalho é resultado de um projeto sobre o incentivo à leitura através de oficinas literárias em uma escola de dança, onde foi apresentada a leitura as crianças de 3 a 7 anos através da contação de histórias foram explorados os sentidos da visão, tato, audição, olfato e motricidade, com o objetivo de ser desenvolvido o gosto pela leitura e também promover a interação social através do hábito da leitura para a formação de leitores começando na infância, permitindo aí a formação de cidadãos críticos na sociedade onde estão inseridos.

As pesquisadoras focalizaram a leitura sensorial que segundo Martins (1986) é a aquela que se percebe através dos sentidos, presentes desde cedo e que nos acompanha por toda nossa vida:

Quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa (MARTINS, 1986, p. 17).

Na contação de histórias, valorizaram os sentidos das crianças pela entonação da voz no ato de narrar, enfatizando o que é mais importante e mostrando também imagens sobre a história narrada, respondendo perguntas, explicando o que é real e o que é ficcional.

Mostraram também que através dessa leitura, a sensorial é que vai revelar a curiosidade da aprendizagem, pois o grupo trabalhado ainda não possuía o domínio total do código verbal, e que a partir daí elas fazem relações concretas dos símbolos/desenhos do livro com o seu cotidiano, desenvolvendo conhecimentos linguísticos e aqueles que conhecemos ao longo da vida.

Após a contação de histórias começaram a desenvolver além dos conhecimentos de leitura e escrita, os conhecimentos de mundo através de diálogos e relatos relacionados às suas histórias de vida.

As autoras enfatizaram que, de fato, o processo de ensino aprendizagem só ocorre em um espaço interativo no qual as vozes (professor e alunos) tenham direito de dialogar, interrogar e assim interagir. Isso foi confirmado nos encontros com as crianças, na prática comunicativa em pequenos grupos onde criaram os contextos com as crianças que não tinham entendido o texto da história, com diálogo durante e depois da contação de histórias, através do desenho e compreensões, envolvendo aspectos do seu cotidiano para os questionamentos. E a partir daí era introduzida no processo de ensino a leitura, onde eram introduzidas letras, palavras e até frases com as crianças maiores.

As pesquisadoras comprovaram através da pesquisa/ação que as crianças acostumadas a ouvir/contar histórias tem mais facilidade de adquirir o gosto pelas múltiplas leituras e entenderem o verdadeiro sentido da leitura da

palavra e da leitura de mundo, não necessitando estar dentro de uma sala de aula para aprender. Também ficou claro que as meninas utilizaram-se de vivências lúdicas, troca de experiências e agentes de ação. Mesmo não sabendo ler, puderam levar consigo o gosto pela leitura através do contar e ao recontar histórias umas às outras, houve aprendizagens e compreensões do meio social em que vivem.

Ao fazer a análise das diferentes pesquisas identificamos que os objetivos estão direcionados ao desenvolvimento da motivação pela leitura e a partir da compreensão de que essas histórias mexem com os estímulos sensoriais, emocionais e racionais, que ajudam no desenvolvimento do caráter e personalidade levando para a vida toda o que aprendem. A contação de histórias desenvolve-se através da leitura sensorial (todos os sentidos) a curiosidade para novas aprendizagens, desenvolvendo conhecimentos que serão usados ao longo da vida.

A Pesquisa intitulada: **Rádio Escola Mauá: da concepção teórica à prática** (2004) trata do detalhamento teórico e das práticas efetivas do projeto de extensão universitária, parceria UESP (2004)/Prefeitura de Mauá e três escolas públicas daquele município. Tendo por autores Adriana Barroso de Azevedo; Cicília M. Krohling Peruzzo; Maria Luisa Rinaldi com objetivo despertar o interesse e curiosidade acadêmica para propostas que envolvem a mídia em práticas educacionais, tendo como resultados alcançados o rádio no contexto escolar como veículo indispensável de socialização participativa. As três escolas possuem características distintas quanto ao público em que estão destinadas: uma é para portadores de necessidades especiais crianças, adolescentes e adultos, outra para jovens e adultos que buscam a escola para completarem seus estudos e finalmente a escola fundamental tradicional que atende crianças e adolescentes até 8ª séries e adultos nos cursos supletivos noturno.

As atividades do Projeto Rádio Escola acontecem sob a forma de oficina, atendendo ao princípio do “Aprender Fazendo”. A oficina “Comunicação e Educação: o rádio na prática pedagógica, suas possibilidades na Escola” teve como finalidade mostrar aos participantes que o rádio na escola é mais um

instrumento didático, através dos exercícios com recursos radiofônicos mostra o potencial do rádio no processo de ensino aprendizagem. Ele não é apenas comunicação sonora, mas constituído de sons, ruídos, voz, música e sua apropriação com finalidades educativas ao realizar programas radiofônicos, reflexões sobre eles, mostrando que ele pode ajudar no processo de aprendizagem, desenvolvimento da criatividade, espírito de equipe, na busca do conhecimento e na fixação do aprendido.

Uma das oficinas que merece destaque é a destinada a Educação Especial, formada por portadores de deficiências as mais variadas, desde crianças, jovens e adultos com problemas mentais, motores e sensoriais.

Após as oficinas criou se a rádio com objetivos de quebrar estigmas provocar a transformação no modo de ver os portadores de deficiências e melhorar a auto-estima.

A experiência concreta com o rádio escola foi um sucesso, pois aproveitaram um desfile de bijuterias realizadas na escola onde os alunos pacientes fizeram a prática das oficinas atuando como locutores, operadores cegos apresentando e entrevistando, onde até mesmo um aluno mudo sentiu vontade de pegar o microfone tentando falar.

Esta experiência obteve sucesso e foi desenvolvida uma experiência com o rádio em uma série de programas com muito sucesso, onde alunos portadores de deficiências se sentem valorizados e capazes de se desenvolverem como pessoas.

O rádio não faz nada sozinho. Há necessidade as pessoas agirem dentro de uma política ética pedagógica pensando no desenvolvimento integral das pessoas.

As experiências relatadas mostram que inicialmente o aluno demonstra insegurança, medo, nervosismo, mas aos poucos o rádio vai transformando e aprimorando através das técnicas radiofônicas em atores/sujeitos que vivenciam, pensam, interferem e divulgam seu olhar sobre o mundo fazendo as suas próprias produções.

O Rádio na Escola torna-se um elemento que, enquanto ação educativa, prioriza a auto-estima e auto-valorização dos membros da comunidade, oportunizando expressarem terem voz e vez e sendo agentes e produtores de cultura.

A pesquisa intitulada: **O Rádio na Escola como instrumento de cidadania: uma análise do discurso da criança envolvida no processo** (2000) faz uma reflexão sobre a importância do Rádio na educação, considerando a avaliação dos principais atores de um projeto intitulado “Rádio-Escola” implementado no município de Vargem Grande Paulista, realizada por Elizabeth Moraes Gonçalves e Adriana Barroso de Azevedo UMESP, onde mostra a visão da criança envolvida com Rádio na criação e produção da mensagem radiofônica.

A pesquisa possibilitou reconhecer na fala da criança a imagem que ela faz de si como ser participante e feliz, que faz dos outros e a imagem que construiu do Projeto Rádio Escola e do próprio rádio como veículo indispensável para sua socialização participativa.

A pesquisa mostra que a criança envolvida na Rádio Escola deixa de ser apenas consumidora passiva, mas como sujeito que pensa reflete, interfere vivencia e divulga através de suas próprias produções, tendo o rádio como meio que potencializa suas ações.

O uso do rádio no espaço escolar possibilita a comunidade escolar condições de realizar um projeto de vida e de sociedade melhor.

Essa pesquisa tem como diferencial, em relação aos trabalhos encontrados na área, um estudo sobre a realização de contação de histórias por meio do programa de rádio: “Nas ondas do Rádio, histórias do baú”. Além disso, a sua aplicação acontece com um grupo expressivo de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental e seu propósito está atrelado à promoção do desenvolvimento do letramento e valores.

Esse trabalho é uma possibilidade de mudança na escola que se almeja. Ele vai ter continuidade no próximo ano e será planejado e realizado junto com a coordenação e professoras dos anos iniciais, de acordo com os

projetos realizados até alcançar os objetivos educacionais que a escola deseja, isto é, a construção de escolas democráticas formando cidadãos morais, autônomos, críticos que desenvolvam com competência o exercício da cidadania.

A sociedade requer hoje uma escola diferente, com práticas pedagógicas democráticas, promovendo a participação ativa de toda a comunidade escolar em decisões relativas ao trabalho, aos conteúdos e a convivência coletiva.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresentam-se os eixos que fundamentam teoricamente esse estudo a partir da vertente sociocultural de Vygotsky. Busca-se nela elementos teóricos para analisar a proposta do programa Nas ondas do Rádio, Histórias do Baú, especialmente no que concerne ao conceito da “mediação”. Exploram-se os aspectos teóricos relativos ao recurso da Rádio Escolar, da contação de histórias fora do contexto da sala de aula e sua relação com o letramento. No contexto do letramento associado à contação de histórias, observa-se como acontece o fortalecimento dos valores.

4.1 Fundamentos do Letramento e Valores na Rádio Escolar

4.1.1 Perspectiva Sociocultural

A Educação tem importante papel na formação do indivíduo, preparando-o para a vida social e cultural. De acordo com Vygotsky (2007), o indivíduo é produto e produtor de sua cultura, e nesse processo internaliza valores e conteúdos socioculturalmente compartilhados entre os indivíduos, contribuindo com isso para a formação de sua personalidade e para a construção de conhecimentos. Um fundamento básico da psicologia de Vygotsky é a concepção de que o indivíduo é um ser histórico que se constitui na e pela cultura, o que significa dizer que a Educação deve considerar a criança como sujeito capaz e participante, deve, portanto, oferecer oportunidades de desenvolvimento através de formas de expressão cultural e social, abrindo espaço para a construção de conhecimentos sobre a realidade,

de maneira cooperativa e interativa, ampliando as potencialidades através da interação social entre pares e no coletivo.

Segundo o autor, o bom aprendizado é aquele que se adianta ao desenvolvimento do educando provocando novas potencialidades sob a orientação do professor, ou seja, depois que o aluno conquista novo estágio em certas atividades compartilhadas, ele pode ser mais exigido:

O aprendizado orientado para níveis de desenvolvimento que já foram atingidos é ineficaz do ponto de vista do desenvolvimento global da criança. Ele não se dirige para um novo estágio do processo de desenvolvimento, mas, em vez disso, vai a reboque desse processo. Assim, a zona de desenvolvimento proximal capacita-nos a propor uma nova fórmula, a de que o “bom aprendizado” é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento. [...] Desse ponto de vista, aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas (VYGOTSKY, 2007, p. 102-103, aspas do autor).

Para Vygotsky (2007), existem duas zonas de desenvolvimento interatuantes que determinam o desenvolvimento psicológico ou mental da criança. A Zona de Desenvolvimento Real (ZDR) definida pela capacidade da criança de solucionar problemas de maneira independente, por meio dos recursos que já possui ou que já estão desenvolvidos, e a Zona de Desenvolvimento Proximal ou potencial (ZDP) definida por aquelas situações-problema que a criança não consegue ainda resolver completamente com seus próprios recursos, mas que apresenta condições potenciais, porém mediada por educadores. Assim sendo, essas etapas ou estágios de desenvolvimento representam saltos qualitativos naquilo que a criança consegue realizar. Apesar dos estágios serem considerados universais, os momentos em que ocorrem os saltos qualitativos varia de acordo com os contextos.

As crianças de 0 a 10 anos recebem muitas influências das pessoas que as rodeiam, tanto de adultos como de crianças maiores. Quando a criança apresenta pouca experiência e conhecimento em determinada atividade, é o adulto que inicia e orienta predominantemente a atividade, no entanto, no decorrer da aprendizagem, através da imitação, da repetição, da orientação, a

criança passa a assumir um papel mais ativo, especialmente na primeira infância. Mesmo nas situações em que ela participa e compartilha com o adulto o que já domina mais, é o adulto que continua o mediador das sequências.

Os momentos em que o adulto convida a criança a participar servem para estimular seu desenvolvimento. Quando isso acontece o adulto ou a pessoa mais capaz que está interagindo com a criança, está atuando na zona de desenvolvimento potencial – ZDP – compartilhando uma atividade em que a criança se desenvolve a partir do que já sabe. Além disso, fazer algo junto com quem a criança tem vínculos afetivos, pode favorecer a segurança e a auto-estima. Desse modo, o avanço no desenvolvimento acontece globalmente e não apenas em algumas capacidades da criança.

A *mediação*, como um dos conceitos fundamentais da psicologia sociocultural de Vygotsky, é o processo segundo o qual o adulto ou uma pessoa mais capaz que a criança, o faz compreender, através da linguagem, o significado das coisas. É por meio da linguagem que é possível nomear objetos, destacar suas qualidades e estabelecer relações entre os próprios objetos. A palavra carrega um conceito, qualquer palavra é um ato de generalização, mas a palavra não é estática. Ela se modifica ao longo das experiências sociais o que possibilita dizer que quanto mais experiências diversas a criança tiver oportunidade de vivenciar, mais amplo pode se tornar o universo conceitual de uma palavra. Nas interações verbais das crianças com os adultos, há o compartilhamento de palavras que significam a mesma coisa para ambos. No entanto, há uma diferença de grau entre o adulto e a criança no uso das mesmas palavras. Explicitando o processo, quando o adulto apresenta uma palavra à criança e que é nova, isso interfere na atividade mental da criança, pois desperta na mente da criança um sistema de processos complexos de compreensão ativa, sujeitos às experiências e habilidades que ela já domina. Assim, a mediação do adulto possibilita a emergência de funções que a criança não domina, mas consegue desenvolver de forma compartilhada (VYGOTSKY, 2007).

O surgimento da linguagem na criança origina três grandes mudanças. A primeira está relacionada ao fato de que ela permite lidar com objetos

externos não presentes, por exemplo, ao mencionar uma fruta que deseja comer mesmo não tendo na sua presença. A segunda permite abstrair, analisar e generalizar características dos objetos, situações e eventos, por exemplo, ao quebrar uma garrafa de vidro compreende que objetos de vidro são quebráveis. Já a terceira se refere a sua função comunicativa que aprender as palavras e seus múltiplos sentidos. Em suma, a linguagem, segundo Vigotsky (2007), constitui o sistema de mediação simbólica que funciona como instrumento de comunicação, planejamento e auto-regulação. É justamente pela sua função comunicativa que o indivíduo se apropria do mundo externo, pois é pela comunicação estabelecida na interação que ocorrem “negociações”, reinterpretações das informações, dos conceitos e significados. As palavras significadas no processo social e histórico servem de base para significar as experiências das crianças e estas significações que constituirão suas consciências, mediando, desse modo, suas formas de sentir, pensar e agir.

Nos estudos de Vygotsky (2007) as relações entre desenvolvimento e aprendizagem ocupam lugar de destaque, principalmente, na educação. Ele pondera que embora a criança inicie sua aprendizagem muito antes de frequentar o ensino formal, a aprendizagem escolar introduz elementos novos no seu desenvolvimento. Para o autor, quanto mais aprendizagem, mais desenvolvimento e vice-versa, em outras palavras, os processos de aprendizagem movimentam os processos de desenvolvimento.

Considerando as contribuições de Vygotsky com relação ao processo mediador da pessoa mais capaz junto à criança, com relação ao processo de significação conceitual das palavras e com relação à inter-atuação entre aprendizagem e desenvolvimento, os momentos do programa Histórias do Baú, da Radio Escolar, entende-se que são plenos de mediações provocadoras desses dois movimentos.

4.1.2 O Letramento pela Contação de Histórias

A palavra letramento, no Brasil, teve sua origem documentada no campo das ciências linguísticas e da educação a partir da segunda metade dos

anos 80. Paulo Freire é considerado o precursor brasileiro no desenvolvimento do conceito. Diferente do conceito de alfabetização que presume a aquisição da leitura e da escrita pela escolarização, o letramento está mais relacionado às múltiplas possibilidades de uso de tais habilidades. Há vários tipos de letramento tais como o social, o cultural, o político, o literário, entre outros.

O letramento literário, por exemplo, implica entender como funciona um livro de história, o que é diferente quando se trata de entender uma notícia de jornal. O letramento político é outro exemplo: as pessoas para votar precisam entender como funciona o processo eleitoral, como escolher seus candidatos, suas propostas e criar um vínculo político para acompanhar o trabalho de suas escolhas. Entretanto, o que ocorre é que no Brasil há baixo letramento, isto é, as escolas estão mais preocupadas em constituir pessoas alfabetizadas no sentido mecânico com dificuldades para entender como funcionam os múltiplos processos que movimentam a sociedade.

O letramento exige a prática social da leitura com continuidade e sequencialidade. Mesmo quando o aluno ainda não se alfabetizou ele pode estar se letrando ao incluir em suas formas de comunicação elementos que fazem parte do domínio da leitura e da escrita. Se um aluno comenta algo usando a expressão “entre aspas” significa que já lhe foi ensinado o significado, que o compreendeu e que o utiliza. Embora o aluno não escreva palavras entre aspas, ele captou a significação desse signo⁷. Se o aluno folheia um livro, segue as frases com o dedo, está demonstrando possuir a noção de como funciona a leitura. Ao indicar placas, observar os símbolos e interpretá-los, também está se letrando. As crianças de hoje, com acesso a computadores, celulares, tablets, estão se letrando no uso da tecnologia independente de estarem ou não alfabetizadas. Portanto, não há idade para iniciar o letramento e nem muito menos para prosseguir com o seu aperfeiçoamento. Da mesma forma, a alfabetização enquanto processo de aprendizagem individual não se completa nunca, pois a sociedade está em contínuas mudanças e a atualização individual deve prosseguir.

⁷Signo: entidade semiológica que substitui o objeto a conhecer representando-o aos indivíduos e apresentando-lhes em lugar do objeto. Semiológica: referente aos sinais.

Percebe-se que hoje não existe iletramento ou iletrados porque mesmo as pessoas analfabetas dominam vários sinais, símbolos e conhecimentos relacionados ao campo das práticas sociais da leitura e escrita. O etnocentrismo⁸ não existe quando se considera a alfabetização e letramento como processos interligados.

Segundo Soares :

Se alfabetizar significa orientar a própria criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever, uma criança letrada (...) é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer da leitura e da escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias (...) Alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando a conviver com práticas reais de leitura e de escrita. Para entender melhor, uma criança mesmo não estando alfabetizada ela já pode estar incluída no processo de letramento. Ela muitas vezes já lê imagens, rótulos, placas, e outros. Esse contato com o mundo letrado ou letramento se faz muito antes de se conhecer as letras (Jornal do Brasil – 26/11/2000).

O letramento é como abrir portas e janelas do mundo por meio da leitura, da oralidade e ser capaz de se relacionar bem nas diversas práticas sociais. O letramento analisa quem é alfabetizado e quem também não é. Deixa de ver o individual de cada pessoa e passa a centrar no social.

Do ponto de vista social, o letramento é um fenômeno cultural relativo às atividades que envolvem a língua escrita. Por sua vez Kleiman (2005) reflete:

O letramento abrange o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas, como a alfabetização universal, a democratização do ensino, o acesso a fontes aparentemente ilimitadas de papel, o surgimento da internet.

⁸Etnocentrismo: é um conceito antropológico, que ocorre quando um determinado indivíduo ou grupo de pessoas, que têm os mesmos hábitos e caráter social, discrimina outro, julgando-se melhor, seja pela sua condição social, pela sua escolaridade e alfabetização. Essa avaliação é pré conceituosa, feita a partir de um ponto de vista específico. Do ponto de vista intelectual, etnocentrismo é a dificuldade de pensar a diferença, de ver o mundo com os olhos dos outros (com base no dicionário virtual Wikipédia).

O letramento pode ser integrado dentro e fora da escola através de diferentes recursos, estratégias e práticas continuadas. Entre elas está a contação de histórias. No caso da experiência analisada nessa pesquisa, a contação de histórias inserida no programa da Rádio Escola, reunindo todas as turmas dos anos iniciais, é uma forma de cultivar o letramento bem como fazer funcionar as práticas interativas de acordo com a perspectiva sócio-histórica.

A contação de histórias como rico recurso de letramento faz parte da milenar história da humanidade. Desde os tempos mais remotos o ser humano sentiu a necessidade de passar conhecimentos sobre as suas origens, suas crenças, seus costumes, seus valores e o surgimento das coisas e o fez através da linguagem oral expressa em forma do conto de literatura oral e se perpetuou na História na voz dos contadores de histórias, através dos mitos, lendas, contos de fadas, fábulas presentes em todas as civilizações.

Segundo Zumthor (1993) o contador de histórias recebe nomes diferentes, em lugares diferentes e em tempos diferentes. Para os gregos era o *rapsodo*; o *griot* para os africanos; o *bardo* para os celtas; ou simplesmente o contador de histórias, o “portador da voz poética”. Na América Latina o contador tradicional de histórias era chamado de *cuentero* popular, geralmente analfabeto, possuidor de uma oralidade primária, mesmo convivendo com uma comunidade letrada e não se deixando influenciar pelo mundo das letras e das técnicas da escrita.

Ele é influenciado pelo meio onde vive, é o comunicador que leva a memória coletiva de sua comunidade utilizando-se dos contos, lendas e mitos para manter as suas raízes vivas, passando assim, às novas gerações a história de seus antepassados, disseminando sempre as informações por meio da oralidade.

Muitos desses contadores, sujeitos narradores, vivem hoje nas zonas urbanas ou rurais, na beira de rios ou nos morros apresentando sempre um diferencial que não muda com os meios de comunicação que envolve as comunidades de hoje. Seus atos e suas palavras na tradição permanecem sempre ávidos aos seus hábitos, costumes e estilo de vida. Esses contadores fazem escolhas conscientes ou inconscientes, que ultrapassam a intenção

pragmática da linguagem e atingem efeitos estéticos sobre o ouvinte, com criatividade através da oralidade, utilizando-se da ciência da voz.

A arte de contar histórias nasceu bem antes da escrita, era passada de geração em geração através da linguagem oral, de forma muito expressiva com responsabilidade e verdade. Ler histórias para as crianças hoje não é a mesma coisa que contar histórias, elas representam técnicas diferentes, com resultados diferentes também.

Hoje as crianças quase não ouvem histórias contadas pela família. Em geral, as histórias que ouvem são passadas na escola ou por pessoas responsáveis pela criança na ausência dos pais em casa. As crianças entram em contato com a tecnologia e já não são mais os adultos que lhes contam histórias de forma presencial. No caso das crianças não contarem com um adulto mediador, a seleção das informações fica sob o crivo quase exclusivamente delas.

Qualquer conto, seja ele popular, de ensinamento, de fada, mito, lenda ou fábula, ajudam a criança alimentar seu mundo imaginário, criando cores, sons e cenários de acordo com o eu interior de cada uma delas. Busatto (2011) fala a respeito do conto dizendo que:

O conto de literatura oral é uma das mais genuínas expressões culturais da humanidade, sem que com isso possamos lhe atribuir paternidade. Saber da sua provável origem mostra-se apenas uma curiosidade, por que o conto se molda no contexto onde ele é narrado e, como um camaleão, vai se adaptando as cores e aos tons de cada povo, de cada contador que o narrou. Cada voz imprimiu a sua sonoridade, cada corpo as suas emoções. Ele mudou de nome e de roupa, mas a sua essência continuou inalterada. O conto de tradição oral é um retrato da magia e do encantamento, uma fantástica criação da mente humana (BUSATTO, 2011, p. 28).

O conto de fadas para a psicologia tem quase sempre um final feliz e por isso ajuda a resolver as tensões internas da criança dando conforto, alívio, o bem sempre vence o mal, o vilão poderoso ameaçador sempre sai perdendo e sempre tem um final ruim. O conto de fadas traz conteúdos simbólicos compreensíveis ao intelecto da criança ajudando a mudar o seu afetivo.

Não se pode dizer o mesmo sobre o mito, pois ele exige um amadurecimento intelectual e psicológico para que se possa aprender pois

sempre traz consigo tragédias. É mais complexo e direcionado para o adulto, mencionando sempre o poder, prazer e saber. Ele é uma narrativa de caráter simbólico, relacionado a uma cultura. Procura explicar a realidade, os fenômenos naturais, as origens do mundo e do homem por meio de deuses, semi-deuses e heróis, misturando a fatos reais.

A fábula, por sua vez, tem um caráter prático, diz como pode melhorar as atitudes cotidianas, a convivência social através da observação de exemplos de outros seres (animais) que falam como gente. Geralmente as fábulas usam as realidades externas como metáforas⁹ para advertir e dizer o que fazer diante de uma determinada situação, numa determinada época e espaço, passando lições de moral ou valores. Elas podem se tornar obsoletas e ultrapassadas quando o ensinamento passado for a uma sociedade num determinado período e não serve para o tempo de hoje.

As lendas são narrativas fantasiosas, frutos da imaginação aventureira humana em busca da satisfação por meio da ilusão, isto é, uma situação imaginada por um indivíduo ou grupo que não tem qualquer base na realidade, transmitida pela tradição oral, que é a preservação de histórias, lendas, usos e costumes através da fala, através dos tempos, fatos reais e históricos com fatos irrealis. Elas fornecem explicações possíveis até certo ponto para coisas que ainda não têm explicações científicas comprovadas.

À medida que as lendas são repassadas de geração a geração são modificadas pelo fato de serem expressadas de forma oral. Como diz o ditado popular: *Quem conta um conto aumenta um ponto*. Elas não são nem mentiras nem verdades absolutas, mas por terem sobrevivido no decorrer dos tempos na memória das pessoas devem ter, no mínimo, parcelas de fatos verídicos. Para muitos povos são “os livros de memórias dos mais sábios”.

No contexto pedagógico o conto de literatura oral pode ser utilizado com diferentes propósitos tais como na formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano. Através do conto são valorizadas as diferenças entre

⁹Metáfora: é uma comparação que apresenta de forma literal uma equivalência que é apenas figurada.

grupos étnicos, culturais e religiosos. Ele é elemento integrante de trabalhos na sala de aula nas diferentes áreas do conhecimento.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1998 endossam a importância da diversidade cultural. Percebe-se que os contos de tradição popular são importantes para contar as histórias de diferentes etnias e suas diversidades, possibilitando compreender que eles fazem parte da história dos povos. Essa diversidade é saudável ao ampliar a visão de mundo.

Trazendo para dentro da sala de aula histórias de outros povos, a criança compreende de forma poética os fatos reais da vida, percebendo com outros significados os indivíduos que fazem parte de sua comunidade.

Nos anos Iniciais é possível desenvolver atividades interligando todas as áreas do conhecimento, com imaginação e boa vontade, utilizando-se do conto para desenvolver um trabalho com imaginação e criatividade, observando sempre o desenvolvimento da criança e o programa curricular desenvolvido em seu ano.

Uma história contada a cada início de semana poderá ser um elo a unir todos os conteúdos abordados de forma prazerosa e o ponto de partida para novas investigações, mobilizando o interesse das crianças por conhecimentos e aprendizagens no decorrer dos estudos feitos sobre o tema.

Contar histórias estimula as crianças a também contar sua história, contextualizando no tempo e no espaço além de aprimorar a capacidade de narrar com desenvoltura, ouvir e socializar interagindo. Quando faz isso, está desenvolvendo a afetividade que corresponde a emoções, desejos e sentimentos, amadurecendo seu estado emocional psicológico.

O psiquiatra Celso Gutfriend, ao desenvolver sua experiência de oficina de contos numa escola, concluiu sobre a importância do conto como mediador entre dois campos até agora pouco integrados, o terapêutico e o educativo. Enquanto ouvem histórias, as crianças demonstram nas expressões faciais diferentes emoções. O autor explica que os contos propiciam a elaboração de conflitos e isso é considerado pré-requisito à facilitação da aprendizagem. Reforça ainda que a expressão facial das crianças durante a audição de contos

remete à importância do olhar do contador como um espaço de leitura para a criança uma vez que a criança passa a gostar da escola na medida que cria vínculos com a professora e outros membros da escola.

A partir da experiência com as oficinas de contação de histórias em escolas, Gutfriend (2003,p.72) concluiu que “as crianças experimentam um prazer enorme ao conseguir enfrentar e controlar a angústia suscitada pelas histórias assustadoras e uma prova disso é que pedem para escutar outra vez”.

Outro valor do conto está na mediação para estabelecer uma continuidade entre a realidade e a ficção, ou melhor, traçar o limite entre uma e outra, o que é uma tarefa difícil na educação. O autor Cazaux (CAZAUX, 1997, apud GUTFRIEND, 2003, p. 73) aponta que ao usar contos com função pedagógica, o caráter educativo não fica no sentido estrito do termo, mas é um modo de compreender a experiência humana e transmiti-la. Os resultados de seu trabalho com o conto na escola demonstram que as crianças passaram a emitir frases melhor construídas, conquistaram vocabulário mais rico, capacidade narrativa mais elaborada, facilidade de leitura.

Para Busatto (2011), um conto existe inicialmente para ser ouvido e fruído. Isso já é suficiente para lhe conferir vida e permanência. Se o conto de literatura oral se presta a várias áreas de conhecimento formal ele deverá ser apresentado, antes de tudo, como uma alternativa para inspirar e alimentar o espírito, pois o que é aprendido por estas vias não se perderá jamais.

Na Rádio Escolar, montar os programas Histórias do Baú estimulando a escuta de contos é mais do que lhes garantir a continuidade na história dos homens, é uma forma estimulante de provocar a vontade de ler e descobrir coisas inesperadas nas histórias, portanto, de provocar o letramento¹⁰. Durante a contação de histórias as crianças entram em contato com vocábulos novos bem como com seus múltiplos sentidos. As crianças presenciam as professoras lendo diferentes portadores de textos e entram em contato com diferentes tipos de textos tais como: poesias, bilhetes, anúncios, letras de música, o texto das histórias, jograis. Além disso, o letramento é fortalecido

¹⁰Educação atitudinal, segundo Zabala (1988), trata das atitudes socialmente aceitáveis, dos valores e da ética.

durante os programas quando são estimulados a ler coletivamente e em voz alta as histórias projetadas no telão. Após o programa de Rádio, as crianças ao retornar à sala de aula produzem textos sistematizadores dos conhecimentos e histórias que fizeram parte do programa de rádio.

4.1.3 Valores e seu Fortalecimento

A proposta no programa Histórias do Baú está articulada com um letramento no campo da constituição de crianças leitoras, participativas, e por complemento, capazes de vivenciar valores provocados pelas histórias e pelo seu protagonismo. Acreditamos que a escola, ao letrar as crianças em vários aspectos, não pode prescindir da educação atitudinal, por isso, defende-se um letramento vinculado ao fortalecimento de valores através dos contos.

Muitos equívocos acontecem dentro da escola em relação aos valores. Um deles resulta de uma posição etnocêntrica e isto começa ao ouvir professores afirmarem que seus alunos não têm valores e que é necessário ensiná-los. Pergunta-se então: como se ensina valores? Em algumas escolas encontram-se cartazes expostos, feitos pelos professores ou de forma compartilhada com os alunos, sobre regras de conduta. São cartazes que indicam a presença de uma pretensa educação para valores mas com tendência maior ao disciplinamento dos alunos. Essa realidade provoca outra questão: quais os efeitos desses cartazes na construção ou no fortalecimento dos valores? Segundo a teoria de Vygotsky (2007), os valores ganham significado a partir da convivência num contexto cultural e que eles são assimilados na medida em que são vividos, experimentados, comparados, ou seja, visualizar cartazes não significa que haverá a incorporação de valores. Os valores acontecem de dentro para fora e a partir das interações contextualizadas, das situações vivenciadas, assim, pouco efeito surtem as frases criadas para chamar atenção sobre valores ou regras.

Numa realidade de bairro periférico, falar aos adolescentes que não se droguem, que não trabalhem para o tráfico, que aprendam um ofício, que estudem, que trabalhem, não surte o efeito desejado porque a realidade lhes

passa noções diferentes em termos dos valores por eles vivenciados. Falar para muitos de nossos alunos sobre respeito pelas diferenças, sobre uma atitude amorosa diante da vida, sobre o potencial criativo, sobre viver em paz, não encontra eco enquanto não for construída uma ponte entre nossos valores e os valores deles. Construir essa ponte é uma necessidade e ela só se faz através de vivências que podem ser organizadas pela escola e pela família.

A condição para construir um conjunto de valores com os alunos é o processo de compartilhamento, isto é, o processo de reconhecer e mapear os valores vividos pelas famílias e juntos redefinir quais os valores a serem fortalecidos. Requer conhecer os alunos e a suas realidades e nelas os valores prestigiados, vividos, reforçados. Assim sendo, construir e reforçar valores são antes um movimento para criar situações vivenciais que permitam comparar valores. Assim, os valores ganharão sentido no que a escola deseja apostar.

Além disso, nos PCNs e temas transversais fala-se do resgate da dignidade e da cidadania, no entanto, diante de uma população excluída social e economicamente ou com baixa auto-estima, a maior dificuldade é ajudar as pessoas a resgatar o direito de desejar, de buscar, de criar. Outro valor que a escola aborda é sobre a preservação do meio ambiente. Qual o sentido disso para nossos alunos? Sabemos que é a sustentação da vida e esse significado deverá ser construído de forma compartilhada com o aluno a partir das questões: Como entendem essa sustentação e com base em que valores ela acontece? O valor da ética tem sentido se é estabelecida uma trajetória de vida em que se possa criar algo benéfico para toda a comunidade com base na ideia do bem comum.

Outro exemplo é o valor da flexibilidade que é valorizado em toda a sociedade, no entanto, ao perguntar onde e como se exercita esse valor verifica-se que em raras oportunidades há flexibilidade, basta ver que os alunos só podem fazer o que quiserem na escola, desde que fiquem em silêncio e imóveis em suas cadeiras.

O que se pretende é desenvolver esse ser humano na sua plenitude e que a escola se torne o canteiro do cultivo do cidadão ampliado, que vivencia os valores todos os dias na escola e para toda a vida (INOUE *et al.*, 1999).

Sendo assim, os programas da Rádio Escolar, voltados para os anos iniciais, pode ser um rico instrumento para análise quanto a seu alcance no campo do letramento e do fortalecimento de valores na perspectiva histórico-social.

4.2 Inovações Pedagógicas na Escola Democrática

Nesse trabalho destacam-se três tipos de inovações pedagógicas em busca do fortalecimento da escola democrática: a relação entre as práticas democráticas e as tecnologias de informação e comunicação; a Rádio escolar como uma ferramenta em prol das práticas participativas e o entendimento das crianças como sujeitos de direitos.

4.2.1 Práticas Pedagógicas Democráticas e as TICs

A humanidade já passou por diversas fases de aperfeiçoamento e evoluções tecnológicas. Desde os tempos mais remotos o homem sempre teve necessidade de se comunicar, se relacionar, se informar e trocar ideias sobre os fatos ocorridos no seu dia a dia. Essa necessidade fez com que aperfeiçoasse sua capacidade e forma de se relacionar, criando novas tecnologias e mecanismos para sua comunicação.

A comunicação é um processo fantástico mas complexo, pois existem muitas formas de se comunicar e trocar de mensagens. A informação e o relacionamento humano são importantes para a evolução de novas descobertas e novos conceitos. Por exemplo, hoje acontece muito trabalho colaborativo, a educação a distância, onde se torna possível promover mais democracia nos relacionamentos entre pessoas e diminuir o espaço físico/temporal entre elas, diminuindo as barreiras culturais, sociais, tecnológicas entre outras.

Na atual economia, as capacidades de inovação, de diferenciação, de criação de valor agregado e da adaptação à mudança, são determinadas pela

forma como novos e velhos conhecimentos integram cadeias e redes de valor. Nesse cenário, processos e produtos recorrem a conhecimento útil e crítico, bem como pela aptidão demonstrada pelas empresas, governos e pessoal para aprender constantemente. É por isso que há necessidade de gerar conhecimentos sobre e com essas tecnologias, pois o trabalho humano hoje está habituado às máquinas.

Entre as TICs são ferramentas comuns ao dia a dia da chamada geração de nativos digitais. As crianças que têm acesso desde a infância à tecnologia dominam com a maior naturalidade os aparelhos tecnológicos. Contudo, o mesmo não acontece com os professores. Estes enfrentam dificuldades em fazer uso da tecnologia. Isso se justifica, pois há uma exigência em compreender que se trata de uma dinâmica diferenciada em relação ao seu uso, o que implica em uma mudança paradigmática e cultural. As TICs no ambiente escolar podem auxiliar os professores em suas práticas pedagógicas. A formação dos professores no uso das tecnologias deve ser urgente, pois transformar a forma de aprender dos alunos requer um aprimoramento nas formas de ensinar dos professores, tornando a educação mais prazerosa e efetiva. Há necessidade também de que os investimentos em materiais tecnológicos sejam dirigidos às escolas como ferramentas para o professor melhorar a qualidade de suas aulas.

A escola que faz uso das TICs no seu dia a dia está permitindo novas relações com o saber, vivenciando a comunicação compartilhada e a troca das informações com outros espaços de conhecimento, dando força às aprendizagens. Isoladamente, as TICs não geram mudanças.

Há necessidade de formação continuada, contextualizada por profissionais que sejam capazes de enxergar os problemas e as necessidades da escola, buscando novas alternativas que transformam o fazer profissional com novas metodologias e novos paradigmas. As transformações acontecem quando gestores, professores, alunos, pais, funcionários e comunidade se envolvem a fim de incorporar os recursos que possam melhorar as aprendizagens, o conhecimento e o saber dos alunos. Do professor atual

exige-se que seja um gestor aberto, equilibrado, inovador, preparado e motivado para ensinar e ajudar os alunos a aprender.

Outro aspecto a salientar refere-se à velocidade do mundo moderno. Tudo evolui, se moderniza, se transforma, é substituído, reciclado, descartado de uma hora para outra. Pode-se chamar a tudo isso de mundo neoliberal. A escola hoje pode correr o risco de se tornar um espaço de informação e não de formação. No entanto, a proposta democrática preconiza a participação e não a homogeneização, preconiza a inclusão e não a promoção dos mais aptos, dos mais competitivos. Por isso, precisa trabalhar uma formação capaz de desenvolver sujeitos pensantes, criativos, inovadores, críticos, competentes, mas acima de tudo éticos e letrados.

As tecnologias não são a solução para os desafios da educação mas um meio para solucioná-los, é um auxílio e não substituição. Paulo Freire, no seu tempo (1984) disse “Faço questão enorme de ser um homem no meu tempo e não exilado dele”. Freire entendia que a tecnologia é uma das “grandes expressões da criatividade humana” e como a “expressão natural do processo criador em que os seres humanos engajam para melhor transformar o mundo”. Disse também que a tecnologia “faz parte do natural desenvolvimento dos seres humanos” (FREIRE, 1968, p. 98).

Nunca houve tantas mudanças na sociedade como nas últimas décadas: inventos, pesquisas, informações, tornando o mundo cada vez mais globalizado. No entanto, o uso das tecnologias na escola sofre muitos entraves.

Na escola, a maioria dos professores quer fazer uso do laboratório de informática e de outras tecnologias, no entanto, na escola pesquisada há dois laboratórios precários para doze turmas, o que inviabiliza o uso continuado da tecnologia. É necessária uma organização escolar, talvez por salas ambientes de tal forma que todos possam utilizar as tecnologias em horários diferentes. Outra possibilidade é a escola ser organizada de tal forma que cada professor tenha acesso à tecnologia dentro de sua sala de aula.

A tecnologia deve ser usada pelo professor como ferramenta de apoio ao conteúdo que está desenvolvendo e nem sempre é necessário uso da

tecnologia pelo aluno. A maioria dos alunos tem conhecimento das tecnologias e se o professor não souber usar, os próprios alunos podem ajudar.

4.2.2 O Rádio e a Educação

Os primeiros sinais radiofônicos foram emitidos em 1895, na Inglaterra, chegando no Brasil em 1922, por ocasião do centenário da Proclamação da Independência. Sua popularização ocorreu nas décadas de 40 e 50, quando as grandes emissoras viram no rádio possibilidades de atingir grande parte da população, na divulgação de informações, entretenimento e publicidade.

Desde a sua invenção há mais de cem anos o Rádio é considerado um dos meios de comunicação de muita importância na prestação de muitos serviços. É um veículo barato, direto e popular, sempre está ao lado do ouvinte, como um companheiro, democrático nas informações em qualquer recanto desse país.

Percebe-se que o Rádio no Brasil começou educando. Segundo a história do Rádio, uma das rádios mais populares do Brasil, a Sociedade do Rádio do Rio de Janeiro (1923) iniciou a Rádio Educativa brasileira, sob a iniciativa de Edgar Roquete Pinto, que defendia a transmissão de educação e cultura pelo rádio como estratégia para reduzir os elevados índices de analfabetismo. Colocou em prática sua tese sem, contudo atingir, o objetivo de popularizar o conhecimento.

Ele foi considerado o pai da Rádio Difusão no Brasil. As transmissões educativas eram a base da programação, transmitia cursos de língua, geografia, história, física, química, palestras científicas e momentos literários infantis, acessíveis apenas a um público seletivo que tinha recursos e podia fazer aquisição do aparelho receptor que era até então importado.

A Rádio Escola Municipal também criada por Roquete começou moldar o que seria a educação radiofônica no Brasil com envio de lições e trabalhos pelo correio. Os alunos inscritos nos cursos mantinham contatos pelo correio através de cartas ou telefone.

Em 1947 foi criada a “Universidade do Ar”, com o objetivo de oferecer cursos comerciais radiofônicos, com isso percebe-se que a modalidade de educação à distância é bem antiga.

O rádio está presente ainda hoje em todo o País a serviço da educação que inicialmente foi através da Secretaria de Educação a Distância do Ministério de Educação e hoje incorporada ao MEC- Ministério da Educação e Cultura, levando de forma gratuita, de maneira simples, porém organizada nos recantos distantes e nos grandes centros também é uma forma de democratização do acesso ao ensino.

O rádio hoje não é exclusividade daqueles que não tem acesso aos meios modernos de comunicação. Com a revolução digital, o rádio está cada vez mais na internet, retransmitindo programas de emissoras tradicionais ou exclusivamente criado para o mundo virtual.

Nos dias de hoje não se pode pensar a escola desvinculada do processo de comunicação, pois as tecnologias fazem parte do dia a dia da escola, do professor e do aluno. Estando ela presente em cada momento da vida do ser humano, a escola precisa repensar novas formas de transmitir conhecimento, e a sala de aula não é mais o único espaço de aprendizagens dos sujeitos, e a comunicação compreendida como troca de conhecimentos, pode potencializar a formação de um ambiente dialógico das crianças nas relações do ensino.

Na Radio Escola, vê-se um grande leque para novas mudanças, no ensino aprendizagem, com o uso dessa tecnologia bem antiga, mas ao mesmo tempo bem moderna, que ainda não está bem difundido na rede educacional é desafiadora até aos professores.

Utilizar o Rádio como elemento Integrado ao fazer pedagógico na escola é um instrumento rico em possibilidades podendo abranger todas as camadas da comunidade escolar. É tarefa do professor, enquanto mediador da aprendizagem propor situações que levem aos alunos interagirem entre si e com o meio, utilizando as mídias e linguagens diferentes na produção do conhecimento.

A educação que se quer tem que surpreender, cativar e conquistar o estudante, a partir de constantes desafios com atividades significativas, que excitem a curiosidade a imaginação e a criatividade. O rádio é um instrumento que pode muito bem ser utilizado no desenvolvimento de atividades culturais, científicas ou artísticas de forma eficiente envolvendo o aluno em atividades que proporcionam a produção e o uso da linguagem radiofônica.

A comunicação, compreendida como troca de conhecimentos, possui uma dimensão educativa que deve ser levada em conta segundo Freire (1992) que “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1992, p. 69).

O projeto Rádio na Escola tem essas características, e ajuda a despertar no aluno o querer aprender, conhecer, saber, e saber produzir.

Freire (1983, p. 92) enfatiza que quanto mais os estudantes puderem expressar suas reflexões, mais serão desafiados a continuar expressando e modificando o mundo: “[...] existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles um novo pronunciar”

Soares (1986, p 6)afirma que “nossa escola tem se mostrado incompetente para a educação das chamadas camadas populares, e essa incompetência gerando o fracasso escolar, tem tido o grave efeito não só de acentuar as desigualdades sociais, mas, sobretudo, de legitimá-las”

4.2.3 Crianças da Atualidade: Sujeitos de Direitos e Participativos

A escola é caracterizada como democrática a partir do momento histórico em que abriu suas portas para toda e qualquer pessoa que pretende estudar, desde a primeira infância até a terceira idade. Essa democratização da escola, no entanto, percorreu e ainda percorre caminhos difíceis. Um dos obstáculos nessa democratização são os paradigmas que a movimentam.

Apesar dos avanços defendidos pelo ECA e das propostas democráticas ainda a criança não é chamada a ser participativa. O caminho para assumir a criança como um sujeito capaz ainda é longo uma vez que requer uma mudança paradigmática nos elementos culturais que em muitas famílias, escolas, continuam repressivos.

A pedagogia é aquilo que se pensa da criança e da mesma forma. As construções que se fazem das crianças geram enormes consequências no modo como acontece a relação pedagógica com elas, como acontece o planejamento, como é preparado o meio educativo e como é estabelecida a relação com os pais. Se a criança é vista como um sujeito rico de possibilidades, abre-se espaço para que ela apareça. Criam-se oportunidades em que ela possa:

Explorar e interpretar o mundo que a cerca e deixá-la assumir a responsabilidade por sua aprendizagem e por sua construção de conhecimento. A visão da criança como co-construtora pressupõe uma visão do pedagogo como um co-construtor de cultura e conhecimento (DAHLBERG, MOSS, PENCE, 2003, p. 180).

Na ótica da escola democrática em que a criança é considerada como sujeito capaz, o professor deverá assumir perspectivas diferentes: ora ele será aquele que lança um problema para iniciar um projeto de trabalho sobre um tema ou apresente um conhecimento novo para dar continuidade a um projeto, ora ele será aquele que ouve, acolhe e ingressa junto com as crianças nas suas propostas de atividades, nas suas hipóteses, as quais dentro de uma prática poderão ser refutadas. As crianças têm o direito de expor suas hipóteses antes dos professores imporem suas verdades como únicas. Isso não significa que o professor irá abdicar de seu papel de provocador, de mediador no sentido de propor novas questões, desafios, informações, discussões, materiais e técnicas. Dessa forma, ele favorecerá que a criança perceba que há múltiplas perspectivas de construção e interpretação do conhecimento. Nessa linha, a criança descobrirá que o conhecimento não é uma verdade a ser descoberta mas “algo que é criado através de se estar em relação e diálogo com o mundo” (DAHLBERG, MOSS, PENCE, 2003, p. 181). Nessa visão do conhecimento e da aprendizagem, o processo pedagógico é visto como um contexto comunicativo, repleto de linguagens e expressões. Um

dos pré-requisitos é manter-se atento às curiosidades das crianças para alimentar suas surpresas diante da vida em torno delas.

Uma pedagogia democrática considera a criança como sujeito capaz, sujeito com o direito de expor sua lógica e que admite a influencia dessa lógica na relação dialógica no cotidiano escolar. Para tanto, o professor também terá que se considerar um sujeito com o direito de (re)aprender a ser curioso em relação à natureza, à cultura e à sociedade, e acima de tudo, de se surpreender com o que criança traz no que faz e diz.

O programa da Rádio Escola, Histórias do Baú, demonstra-se como uma oportunidade para desenvolver esse tipo de pedagogia.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia de pesquisa utilizada é do tipo qualitativa e foi desenvolvida a partir do estudo teórico-empírico sob a perspectiva sociocultural de Vygotsky (2007), a fim de identificar no processo de contação de história no programa da Rádio Escolar “Nas Ondas do Rádio, Histórias do Baú” elementos que representam o letramento e o fortalecimento dos valores.

Para o levantamento de dados, os alunos responderam questionários em sala de aula com o acompanhamento da professora regente. Foram sete turmas dos anos iniciais (1º, 2º, 3º Anos) que participaram dos questionários. O questionário foi organizado a fim de obter a opinião dos alunos sobre a Rádio na Escola e o programa nas Ondas do Rádio, Histórias do Baú, com as seguintes questões: 1) Você gosta de ouvir as Histórias contadas no programa Rádio na Escola? Explique por quê? 2) Como você descreveria a programação da Rádio Escola? 3) O que você mais gosta desse momento? 4) Esse programa é ou não é legal? Diga por quê? 5) O que você aprende?

As professoras, por sua vez, responderam questionários referentes ao efeito do programa Histórias do Baú no letramento, no fortalecimento dos valores, nas dificuldades de aprendizagens. Para complementar, foram interrogadas sobre se utilizam a história abordada no programa, na sala de aula, como um recurso pedagógico e como reforço no letramento.

Para fins de alcançar os objetivos da pesquisa, foram arquivados e analisados os programas Histórias do Baú da Rádio Escolar. O programa Histórias do Baú acontece desde 2009 a fim de integrar as turmas dos anos iniciais num momento especial, semanal, no salão da escola. O programa se tornou um espaço garantido e a contação de histórias é o ponto chave para

discutir conceitos, valores, a apresentar resultados das atividades dos projetos de trabalho desenvolvidos em cada turma.

As análises tiveram por referência a descrição de alguns programas da rádio escolar. Os programas foram analisados observando a mediação, a interação, a provocação do letramento e sua manifestação concreta nos alunos, assim como ocorreu o fortalecimento dos valores.

Os programas analisados foram escolhidos aleatoriamente, portanto, consiste na representação de uma pequena parcela de todo o trabalho realizado pelo projeto Nas Ondas do Rádio: histórias do baú. No processo descritivo são analisadas as participações dos alunos e dos professores já que o programa Histórias do Baú é direcionado a eles semanalmente e eles também são convidados a contribuir na formatação do programa.

6 A RÁDIO ESCOLAR E O PROJETO EDUCATIVO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

6.1 O Projeto “Nas Ondas do Rádio: Histórias do Baú”

A Rádio Escolar está organizada no contexto de uma escola pública do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, para envolver os alunos dos anos iniciais com a Rádio Cem através do programa “Nas ondas do Rádio: Histórias do Baú”.

O programa acontece todas as segundas feiras no salão da escola, com início às duas horas da tarde e com duração aproximada de uma hora. Reúnem-se os alunos das nove turmas, num total de 160 alunos, desde a turma de educação infantil até o terceiro ano do Ensino Fundamental. Cada semana o programa aborda um tema diferente tendo por critérios de seleção as datas comemorativas ou o tema dos projetos desenvolvidos pelas professoras. Os programas são orientados por uma professora voluntária contando com a colaboração dos alunos dos anos finais que já participam da Rádio Escolar no turno da manhã e que assumem voluntariamente, no turno inverso, na organização e apresentação do programa com o papel de locutores e animadores juntamente com a professora. Eles atuam na mesa e caixa de som, como locutores e repórteres e ainda controlam as vinhetas e a ordem dos acontecimentos. Sem a ajuda dessa equipe torna-se difícil montar o programa, pois em questão de minutos, montam tudo. A equipe gestora e professores quando se envolvem demoram mais e muitas vezes desconhecem o funcionamento dos equipamentos, ocasionando inquietação por parte das crianças que não sabem esperar.

A programação é preparada a partir do tema debatido antecipadamente com a coordenadora pedagógica e a professora voluntária. A coordenadora leva as sugestões ao grupo de professoras, por ocasião das reuniões pedagógicas de estudos que ocorrem nas quartas-feiras. Na ocasião, o programa sofre adequações a fim de contemplar temáticas que fazem parte dos projetos interdisciplinares em desenvolvimento e ao mesmo tempo, são distribuídas partes do programa às professoras da turma para preparação à participação na semana seguinte. As tarefas variam de acordo com o tema e podem gerar uma pesquisa, entrevistas, ou um poema, poesia, canção, entre outras. A professora é incumbida de preparar com seus alunos a parte que lhe cabe como forma de envolvimento com o programa nas Ondas do Rádio, Histórias do Baú. Assim, a participação das crianças na programação acontece a partir de um planejamento com antecedência.

6.2 Análise da Programação da Rádio Escolar

O detalhamento dos programas de rádio (Anexo C) permite analisar sua relação com a ampliação do letramento e com o fortalecimento dos valores. Analisa-se a seguir alguns programas. A seleção dos programas para análise não segue nenhum critério. Não foram analisados todos os programas a fim de tornar o relato da pesquisa menos extenso.

Além disso, é importante falar que se trata de uma programação de rádio escolar um pouco diferente, através da utilização de diversos elementos que compõem uma rádio (microfone, caixa de som, mesa...), bem como por meio da presença física dos participantes (locutor, repórter, sonoplasta) e o uso de outros elementos como o Datashow, computador e outros materiais concretos de acordo com o tema apresentado. A justificativa para esse formato seria o enfoque de uma interação maior para os alunos dos anos iniciais, além de ouvir, ver, para melhor fixar, aprender e não esquecer com facilidade.

O programa em alusão ao ***Dia da Criança*** (Anexo C), *teve por objetivo refletir sobre essa data comemorativa e iniciou com três locutores do 7º ano*

orientando sobre as boas maneiras para participar do programa e prosseguiu com a projeção no telão da letra da música “Depende de Nós” (Ivan Lins), escolhida para ser interpretada. Todas as nove turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, cantaram juntas acompanhando a letra no telão, inclusive a turma de educação infantil.

Compreende-se que a interpretação coletiva por meio da canção favorece a leitura sem que as dificuldades individuais sejam percebidas. Segundo Vigotsky (2007), o que a criança aprende e consegue fazer com e no grupo, favorece para que conquiste confiança para o desempenho individual.

O programa prosseguiu estimulando as crianças à participação através de um comentário sobre a exposição de brinquedos antigos preparada com antecedência no ambiente do programa de rádio. A apreciação oral dos brinquedos expostos favoreceu o cultivo do que é próprio da infância: sua típica linguagem oral carregada de concepções criadas pelas próprias crianças sobre o mundo das pessoas, das coisas e da natureza. Nesse sentido, o programa de rádio concretiza a concepção da criança como sujeito capaz, criança rica e com ideias próprias sobre o mundo.

As manifestações das crianças sobre os brinquedos antigos foram complementadas pela organizadora do programa com uma provocação. A provocação referiu-se ao consumismo de brinquedos e sobre as possibilidades de repartir os brinquedos com as crianças que não têm acesso a eles devido a condição econômica precária. Nesse momento, o estímulo para pensar sobre a diferença entre quem pode e quem não pode adquirir brinquedos e sobre compartilhar, está associado ao valor da caridade, da compaixão e da satisfação gerada pelos atos de compartilhar.

O programa prosseguiu com outra provocação. A locutora interrogou as crianças sobre o que já sabem a respeito dos Direitos das crianças. Cerca de quinze crianças se prontificaram a opinar.

Analisando essa atividade, usando o microfone, as crianças exercem o direito de falar, de opinar, de manifestar suas interpretações. Durante a escuta das manifestações das crianças, a professora foi esclarecendo o que é direito e

o que é dever, uma vez que as crianças demonstram estar melhor esclarecidas sobre seus deveres do que sobre seus direitos.

Essa relação que a professora estabelece com as crianças durante a participação é a de mediadora, como o adulto capaz que, ao oferecer espaço à expressão, consegue perceber a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) em que se encontram as crianças e num segundo momento, traz elementos para que elas ingressem na Zona de Desenvolvimento Real (ZDR) (Vygotsky, 2007).

Durante o programa, o fato de um aluno que foi até o microfone para opinar e não conseguiu se expressar, merece ser mencionado uma vez que tem relação com a concepção de criança e sua influência na didática do professor com alunos que apresentam dificuldades.

No momento em que o menino, de posse do microfone e na frente dos colegas não conseguiu progredir na sua manifestação oral, uma das professoras sugeriu que ele voltasse a seu lugar e desistisse de falar. Sob a orientação da organizadora do programa, a professora foi convencida a estimulá-lo a prosseguir na sua fala, porém, em uma condição propícia para isso, ou seja, do lugar onde se encontrava na plateia. Dessa forma, ele conseguiu se expressar. Avalia-se esse momento como um exemplo da vivência do respeito pela criança como sujeito de direitos.

Segundo o paradigma da pedagogia da transmissão, a criança é avaliada muito mais por suas incapacidades do que por suas riquezas. No paradigma da participação, a criança é tida como rica, capaz de produzir e transformar a cultura (FORMOSINHO, 2008). A postura das professoras tomando a decisão imediata de reatar a fala da criança reiterou a proposta de escola democrática uma vez que nela, o exercício da participação exige constância e vigilância.

O processo participativo no programa prosseguiu oferecendo a oportunidade de alguns alunos entrevistarem professoras sobre suas infâncias, já que era esse o tema do dia. A atividade da entrevista, sob a ótica do letramento, favorece o exercício da escuta e da interlocução promovendo a capacidade de atenção e concentração. Na sociedade atual cercada pelas tecnologias, tendo nas imagens sua linguagem prioritária, exercitar a

interlocução promove o saber pensar que inicia com a curiosidade. A dinâmica da interlocução é um rico campo de letramento na medida em que se ouve e interpreta-se a visão do outro. Esse é um caminho para a constituição do leitor ativo seja de impressos ou de materiais veiculados pelas TICs.

Analisando o momento em que cada turma apresentou uma brincadeira, tomamos o exemplo da brincadeira preparada pela turma de educação infantil. Com o apoio da melodia “Uma sementinha de Flor” em CD, o grupo desenvolveu a interpretação corporal coletiva enquanto as demais turmas acompanharam cantando coletivamente. Compreende-se que a oportunidade de preparar-se para expor-se coletivamente sobre algo que foi dominado promove o desenvolvimento da segurança e fortalece a auto-estima. A exposição coletiva promove o conforto psicológico ao contrário de quando a criança, ainda inexperiente, passa pela vivência da exposição individual que pode ser frustrante.

O impacto dos programas foi evidenciado pela pesquisadora através de várias situações e instrumentos. As avaliações das professoras (Anexo A) sobre os programas são reveladoras, por exemplo:

O trabalho desenvolvido [...] é de grande importância pra todo o trabalho que nós fizemos na sala de aula. Desperta nas crianças a imaginação, faz com que eles se transportem para as histórias, conseguimos trabalhar através desses momentos, a realidade de cada um, a sociedade, a cultura. Faz com que conseguimos trabalhar vários temas e um universo enorme que se descobre o gosto pela leitura, as crianças passam a ler mais (Profa. J. - 3º. Ano).

O depoimento a seguir reitera as palavras da professora J. – 3º. Ano:

Enquanto educadora de uma turma de terceiro ano, acredito que o contato com a literatura é fundamental para todos e em qualquer idade. Mas para as crianças tornou-se essencial esse trabalho porque possibilitou a elas a criação de vínculos com a linguagem, com a arte, com nossas tradições culturais em um momento crucial da vida, quando estão se constituindo, fazendo os primeiros contatos com elas mesmas, com o outro e com o mundo.

As falas da professora são um forte indicador de que o programa, através do envolvimento das crianças com as histórias, alimenta o letramento tão necessário nos anos iniciais:

O trabalho feito pela nossa colega Marli fez com que as crianças se interessassem pela leitura, contribuindo para aumentar suas mentalidades, superar preconceitos e combater atitudes discriminatórias, e que por sua vez são finalidades que envolvem lidar com valores de reconhecimento mútuo, o que é tarefa não só da educação formal, mas da sociedade como um todo.

A fim de confirmar as palavras da professora, vale a pena citar alguns depoimentos dos alunos dos anos iniciais sobre a experiência com a rádio (Anexo B). Ao responderem à questão sobre o que aprendem, ressaltaram o seguinte sobre o programa de Rádio:

Aluno 1: “Aumenta a inteligência”

Aluno 2: “Lá a gente aprende”

Aluno 3: “Aprendo a ler e escrever”

Aluno 4: “Radio é um programa muito legal”

Aluno 5: “Das histórias fico imaginando sempre como é o final”

Aluno 6: “Aprendo a ouvir e escutar”

Aluno 7: Aprendo a ouvir e cantar

Aluno 8: Aprendo muita coisa boa e divertida

Aluno 9: A me divertir

Aluno 10: Prestar atenção

Aluno 11: Palavras novas e histórias novas

Aluno 12: Aprendo a gostar de ler e escrever

Como se pode constatar, a Rádio Escolar tendo uma programação bem preparada e com um foco, consegue mais do que audiência, provoca transformação nas atitudes e, portanto, nos valores dos alunos. Conforme palavras da professora J :

É interessante para as crianças esse projeto, porque são trabalhados diferentes tipos de textos, levando em consideração o contexto da criança, sua história, suas vivências, não fornecendo a elas coisas prontas, mas procurando trazer valores que fazem parte do cotidiano e também foi criado condições para que as crianças percebam que a leitura é importante para seu desenvolvimento e contribui para sua interação enquanto sujeito produtor e transformador da história.

Os alunos por sua vez, assim se manifestaram sobre os valores:

Aluno 1: Respeitar os mais velhos
 Aluno 2: A ser educado
 Aluno 3: A não brigar, não desejar o mal para os outros
 Aluno 4: Obedecer os mais velhos
 Aluno 5: Respeitar os colegas
 Aluno 6: Que a vida é mais bela quando se
 se escuta música
 Aluno 7: Coisas legais

Esse depoimento sinaliza que o letramento acaba sendo uma parcela da cultura da escola, uma vez que se defende que ele é alimentado pela continuidade.

Dentre todas as histórias contadas saliento que foi a mais comentada e discutida em aula: A importância do Perdão onde salientava que perdoar faz bem para quem perdoa, pois quando perdoamos nos sentimos bem e tranquilos. Quando não perdoamos, ou ficamos magoados, guardamos lixo no coração. O perdão verdadeiro é o que vem do coração e inclui esquecer a mágoa e não desejar o mal ao ofensor. Conforme ensinou Jesus, devemos perdoar setenta vezes sete vezes, ou seja, devemos perdoar sempre todas as pessoas (Profa. C - 3º. Ano).

Outro programa escolhido para análise intitula-se ***Com árvore teremos um mundo melhor a fim de reforçar conceitos e atitudes sobre o meio ambiente.*** O programa iniciou com a música de abertura “Depende de Nós” e a seguir foram anunciados os créditos.

A motivação foi dada pelo seguinte chamamento:

- Hoje queremos aprender sobre a importância que as árvores tem para termos VIDA NO PLANETA TERRA. A locutora anuncia que trouxeram notícias importantes sobre a árvore. As notícias são dadas através de frases do tipo manchete, pelos alunos do 3º ano como seguem abaixo:
- 1 - Plantar uma árvore é contribuir para a vida.
- 2 - Para diminuir o gás carbônico na atmosfera é preciso plantar árvores, que absorvem gás carbônico.
- 1 - As árvores preservam os ambientes florestais para a vida animal.
- 2 - Onde tem árvores não existe a desertificação, ou seja, desertos.
- 1 - Ela é uma fonte de combustível, material de construção e comida para as futuras gerações.
- 2 - As árvores regulam a umidade de um ambiente, são refúgios para pássaros, macacos e milhares de insetos.
- 1 - As árvores fazem a fotossíntese que liberta oxigênio para a atmosfera.
- 2 - Não permitem a erosão de solos, mantendo vivos os rios.

Concluída a leitura, a professora coordenadora do programa faz uma breve explanação sobre as manchetes e sobre alguns conceitos previamente preparados que fizeram parte das frases, por exemplo: erosão, atmosfera, etc.

A seguir, todas turmas entoaram em conjunto a canção acompanhada por atividades motoras amplas: **Cuide bem da Árvore** (Anexo C).

- 1) Cabeça tronco e membros/Esse é o corpo da gente/Copa, tronco e galhos/A árvore é nossa parente?
- 2) Então vamos cuidar dela/já que ela não pode falar/Vamos falar por ela/Não deixando ninguém maltratar.
- 3) A árvore é o grande pulmão/Que fica o ar da Terra/Ensinando essa lição/Espantamos a poluição.
- 4) Cuide bem, cuide bem/Da árvore da sua rua/Cuide bem, cuide bem/Que a vida vai lhe dar nota cem.

Um dos locutores estimula a turma a participar da socialização da interpretação da letra da música, elegendo os voluntários:

Locutor 1

- Quero ver se vocês entenderam o que a música nos ensinou? - Venha cá você. Como é seu nome? (Aluno F) Agora me responda:
- Qual a parte do nosso corpo que a árvore representa quando falamos de ar?
- Por que a árvore é importante?

Em seguida, nova participação previamente preparada por uma turma:

Locutor 2:

- Vamos ouvir agora um jogral pelos alunos do 2º ano.

O jogral é apresentado e todo o grupo é convidado a cantar em conjunto a canção PRIMA, PRIMA, PRIMAVERA.

Aconteceram várias participações dos alunos, uma turma apresentou uma poesia, outra turma uma dramatização. Foi encerrada a programação com despedidas e a sinfonia.

O depoimento da professora C (Anexo A) traz importantes elementos que reforçam as contribuições da Rádio Escolar e da contação de histórias para o letramento.

P: Muitos são os motivos que nos levam a contar histórias: o clima de alegria e interesse que elas despertam. Vários também são seus objetivos, como: formar o gosto pela leitura, divertir e estimular o

desenvolvimento da imaginação, atenção, observação, memória e reflexão. Ouvir a leitura de histórias leva os alunos a perceberem as características da língua escrita, cuja sintaxe e cujo léxico não são os mesmos da língua oral. Com essa prática, constatamos que não só o conhecimento da língua pode ser enriquecido no contato com a literatura, mas também a experiência indireta do mundo. A arte de contar histórias ganhou uma conotação maior, como valoroso instrumento no processo educativo, devido ao seu aspecto lúdico. Contar histórias passou a ser compreendido como uma possibilidade bastante rica de estratégia alternativa para se obter subsídios no redimensionamento dos trabalhos com crianças, estabelecendo linhas muito mais positivas na ação educativa, ajudando a desmistificar a relação leitor e livro e proporcionando momentos agradáveis de prazer e alegria no contato com o mundo mágico da literatura oral.

A professora C complementa seu parecer reforçando que contar histórias é uma prática que merece ser cultivada na escola conforme suas palavras:

Acreditando na importância do fazer de conta, da fantasia, do encantamento da hora do conto para o desenvolvimento da criança é que propomos reavivar esta arte milenar no contexto de nossa escola através do momento dedicado a contação de história frente a esta proposta a escola conta com a valorosa ajuda da professora Marli Locatelli que mesmo fora do seu horário vem à escola e encanta as crianças das séries iniciais com lindas e educativas histórias. Excelentes trabalhos estão sendo construídos a partir das histórias contadas. Outro aspecto importante que as histórias fazem inferências com os projetos que estão sendo realizados como: Meio ambiente, valores, Sacola da leitura, Datas Cívicas, Dia da Criança, Etnias, Consciência negra e tantos outros. Poderíamos dizer muito mais sobre esta ação educativa, mas com certeza nossa escola irá demonstrar crescimento na sua avaliação nos próximos anos. Queremos dizer a professora Marli OBRIGADA, que Deus lhe de saúde e esta compreensão tão importante frente a essa prática tão sublime que é contar histórias. Um abraço da coordenação e professoras.

O depoimento dessa professora dá destaque ainda aos diferentes temas abordados pela programação e que reforçam os conteúdos curriculares.

A fim de aprofundar as análises, considera-se que a dimensão do letramento merece ser aprofundada assim como a contribuição no fortalecimento dos valores nos alunos.

Em tempos de tantas violências em diferentes setores da sociedade e de sua expressão no interior da escola, construir conhecimentos, letrar e fortalecer valores é uma proposta desafiadora e cada vez mais necessária para todas as escolas. É um projeto que merece reflexão, estudos, continuidade e

fortalecimento teórico e prático. A Rádio Escolar faz parte do contexto da escola estadual, da região 36ª CRE e, portanto, é um recurso que vem gerando alegrias aos alunos. Logo, compreende-se que ele deve ser potencializado com o engajamento de todos os professores.

Os projetos temáticos interdisciplinares, trabalhados em sala de aula, são fortes aliados da Rádio Escolar porque são utilizadas para fortalecer os conhecimentos e oportunizar aos alunos a expressão oral, as leituras, a escrita, o conhecimento adquirido e desenvolver atividades com mais significado para as crianças.

Aproveitando o envolvimento com o Rádio na Escola, os alunos podem expressar-se publicamente a respeito do que aprenderam anteriormente e assim, de maneira colaborativa, ensinar aos colegas das outras turmas sobre suas aprendizagens. Entende-se que com isso se estará prevenindo e sanando dificuldades.

A contação de histórias na sala de aula é um recurso que está ao alcance de qualquer professor e que pode ser potencializado pela Rádio Escolar. Se o professor souber fazer uso da expressão oral através da voz, ele pode conquistar a atenção, interesse das crianças e desenvolver as aprendizagens de muitos conteúdos. Entendendo-se que a contação de histórias faz parte da Rádio Escola no programa Histórias do Baú, pode ser um ponto de partida para aprofundar a formação do professor tanto para a contação de histórias como na perspectiva sócio-cultural focando a função mediadora do professor.

Contar e ouvir histórias é sempre uma porta aberta à descoberta de novos saberes. Percebe-se que as crianças, ao ouvirem histórias, indicam com suas expressões corporais tais como a fixação dos olhos, ouvidos, relaxamento do corpo, como se estivessem naquele lugar da história, junto à paisagem com cenários complexos, personagens e objetos relatados na história. Aproveitar esta predisposição dos alunos em relação à escuta participativa de histórias é dar espaço à natureza infantil e que está nos indicando um caminho pedagógico a ser percorrido.

O programa de formação continuada nas TICs é muito importante, pois serve como referência a novas propostas de projetos a serem desenvolvidos na escola, principalmente para a construção de projetos como o da Rádio Escolar, com fins pedagógicos.

O uso do Rádio na escola pode representar o primeiro passo para uma mudança mais profunda na maneira de educar e ser educado. Ele permite ao aluno empregar novas linguagens de forma aberta e mais democrática. Favorece relacionamentos igualitários e colaborativos envolvendo professores e alunos de forma planejada, participativa, dialógica, promovendo o desenvolvimento da expressão oral e da escrita dos conteúdos pesquisados e também nos projetos interdisciplinares, quando acontecem.

Percebe-se na escola o quanto ela precisa para se tornar campo de possibilidades para a conexão com o mundo e fazer do aluno um pesquisador, colaborador, um criador de conhecimentos ao longo da vida de forma mais natural e espontânea, comprometido com o estudo e a pesquisa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esse trabalho de pesquisa retoma-se o objetivo principal desse estudo, bem como busca-se responder ao problema de pesquisa:

A contação de histórias, por meio do projeto “Nas ondas do rádio, histórias do baú” pode favorecer o letramento e o fortalecimento dos valores aos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Com relação ao primeiro critério, os impactos do programa tornaram-se evidentes na medida em que os alunos passaram a aguardar com expectativa o dia do Rádio na Escola com as Histórias do Baú. A expectativa foi se aprofundando à medida que as crianças foram tomando parte da programação antes, durante e depois através das atividades propostas pela professora organizadora em diálogo com as demais professoras. O letramento passou a acontecer de forma contínua ao propor desafios relativos não apenas à leitura e escrita, mas também quanto às manifestações de opiniões, de interpretações e de multiplicação das histórias junto aos familiares e na sala de aula.

Percebe-se, através dos relatos feitos pelas crianças, que a cada história contada e escrita por elas, há enriquecimento no vocabulário e demonstram conhecimento do que escrevem a partir do que ouviram. Durante o programa, a escuta de diferentes opiniões amplia o universo de idéias e assim, enriquecem seus textos.

Com relação aos valores, as histórias ouvidas trouxeram episódios sobre valores de toda ordem e a respeito dos quais as próprias crianças desenvolveram conclusões. Os depoimentos na pesquisa apontaram que as crianças estão demonstrando no dia a dia, mudanças de atitudes e que não passaram despercebidas pelos colegas e professoras. A questão das atitudes

positivas é um desafio a cada programa porque com a platéia sendo estimulada a participar, os valores e as atitudes são avaliados e geram debates.

Trabalhar a contação de histórias com crianças é uma prática de suma importância para a preservação da memória da sociedade que vem sendo esquecida pelo homem contemporâneo e também ajuda na formação de cidadãos letrados e mais humanos, com prazer em tecer a sua história, mas que se interessam em ajudar a tecer outras histórias com amor.

Além do espaço prazeroso que o programa oferece, tem provocado um conjunto de aprendizagens no grande grupo. Fazendo análise comparativa dos primeiros encontros com os de hoje pode-se dizer que ali estão crianças que sabem ouvir, respeitar o colega e sabem também quando suas atitudes não são socialmente aceitáveis.

Nos programas é alimentado pela postura mediadora estimulando a participação de todos. Um dos efeitos dessa mediação crescente é o interesse das crianças por participar ativamente da programação e das atividades propostas. A professora coordenadora do programa através da lógica mediadora tem facilitado o protagonismo dos alunos e professores e com isso, está afirmando positivamente a pedagogia da participação em contraposição á pedagogia da transmissão, ou seja, a tradicional.

Outro aspecto a ser destacado é que nesse programa estão sendo integrados muitos tipos de tecnologias, fazendo com que as professoras comecem a integrar as mesmas em suas aulas, pois uma maioria delas sabe usar a multimídia, mas não fazem uso em suas aulas. Compreende-se que através das atividades radiofônicas não só o aluno aprende mas também as professoras, pois todos os temas trabalhados estão relacionados com a história do homem no espaço onde vive.

Como a programação radiofônica utiliza diversas linguagens torna os mais participativos, acompanhando sempre as músicas que são focadas no telão interagindo com o grande coro sendo agentes colaborativos e participativos tornando o programa mais aconchegante e interessante e agradável a todos.

A professora voluntária dessa escola, atuando no turno inverso ao do trabalho, espera que quando as crianças chegarem nos anos finais como adolescentes demonstrem evolução na postura relativa à convivência social dialógica. Essa ideia nasceu e a prática está acontecendo através da Rádio na Escola e nas Histórias contadas sabe-se que a colheita demora alguns anos, mas vivencia-se esses momentos pois se acredita que tudo o que se ensina na infância colhe-se mais tarde, desde que sejam apresentados com muito amor com o objetivo de torná-las seres sociáveis, comunicativos, pensantes e construtores de um mundo cada vez melhor.

Conclui-se que o letramento e o fortalecimento de valores fazem parte do conteúdo curricular, porém em menor parcela quando comparado com o espaço dado aos demais conteúdos. Os resultados apontam que os programas “Nas ondas do Rádio, Histórias do Baú da Rádio Escolar criam impactos positivos nos alunos no letramento e no fortalecimento dos valores éticos, morais e espirituais.

Percebe-se que o programa de Rádio na Escola está aos poucos mostrando um currículo de uma escola mais democrática que ajuda as crianças de maneira espontânea a se tornarem instruídos e capazes de aprenderem de forma diferente ao invés da mecânica e tradicional, de forma natural, com liberdade de expressão tendo voz e vez para expressarem o que sentem.

Espera-se que esse projeto seja aperfeiçoado e que no ano seguinte faça parte da proposta pedagógica tão sonhada para uma escola democrática e pela autora desse trabalho. O desejo por parte da coordenação pedagógica e direção é o de mobilizar toda a escola em torno da proposta de constituir pessoas criativas, pensantes, leitoras, letradas, que interajam e vivenciem concretamente a participação.

A proposta é alimentar o desejo em cada criança para ser alguém que possa contribuir para um mundo melhor através de seus engajamentos pela história que está fazendo no dia a dia.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

APPLE, M.; BEANE, J. (org.). **Escolas democráticas**. São Paulo: Cortez, 1997.

ARAÚJO, U. F. **A construção de escolas democráticas: histórias sobre a complexidade, mudanças e resistências**. São Paulo: Moderna, 2002.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BUSATTO, C. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BUSATTO, C. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CAZAUX, H. **Lês contes jount um role pédagogique, mouv'ance**, 58:8-9.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FERREIRA, J. G. **Aventuras de João Sem Medo: panfleto mágico em forma de romance**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991. p. 11.

FRANTZ, M. H. Z. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. 3. ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2001.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOLEMAN, D.; KAUFMAN, P.; RAY, M. **O espírito criativo**. São Paulo: Cultrix.

GUTFRIEND, C. **O terapeuta e o lobo**: a utilização do conto na psicoterapia da criança. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/7/Emcadacasaumcauso-PUCRS.pdf>.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Malasarteshttp://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Malasartes.

http://www.academia.edu/499046/RADIOESCOLA_MAU_A_DA_CONCEPCAO_TEORICA_A_PRATICA.

<http://www.eca.usp.br/prof/moran/curriculos.pdf>.

<http://www.eca.usp.br/prof/moran/livres.htm>.

<http://www.eca.usp.br/prof/moran/significativa.htm>.

<http://www.ie.ufmt.br/semiedu2006/GT16-Educa%E7%E3o%20e%20Lingua%20gem/Comunicacao/Comunicacao%20Lizzoni%20-%20texto.htm>.

<http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/download/175/124>.

http://www2.metodista.br/unesco/GCSB/comunicacoes_radio_escola.pdf.

INOUE, A. A.; MIGLIORI, R. F.; D'AMBROSIO, U. **Temas transversais e educação em valores**. São Paulo: Petrópolis, 1999.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 2005.

KUHLTHAU, C. **Como usar a biblioteca na escola**: um programa de atividades para a pré-escola e ensino fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LUCCI, M. A. A proposta de Vygotsky: a psicologia sócio-histórica. In: **Profesorado**, Revista de Currículo y Formación del Profesorado, 10(2), 2006. Disponível em: <<http://www.ugr.es/local/recfpro/Rev102COL2port.pdf>>. Acesso em: 20/10/2012.

MEYER, I. C. R. **Brincar e viver**: projetos em educação infantil. Rio de Janeiro: Wak, 2003.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. O. (org.). **A escola vista pelas crianças**. Porto: Porto Editora, 2008.

SILVA, L. M. F.; COSTA, E. A.; MELLO, A. M. Os contos que as caixas contam. In: PIRES, O. S. "**Contribuições do ato de contar histórias na educação infantil para a formação do pequeno leitor**". 2011.

SISTO, C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2. ed. Curitiba, 2005. (Série Práticas Educativas).

SOARES, M. Entrevista concedida. **Jornal do Brasil**, 26/11/2000. Disponível em: <<http://quintalmagico.com.br/educar-e/letrar-e-mais-que-alfabetizar.html>>. Acesso em: 20/10/2010.

SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ANEXOS

ANEXO A – QUESTIONÁRIO E RESPOSTAS DOS PROFESSORES

1º- Objetivo: Identificar a relação que a professora faz entre o letramento significativo e a contação de histórias.

2º- Objetivo: Estabelecer relação entre sua convivência com histórias na infância e o uso pedagógico das histórias.

3º- Objetivo: Identificar os efeitos das contação de histórias pela Rádio Escola no letramento e nos valores.

Respostas da Pesquisa Professoras:

1) Conceito de Alfabetização e Letramento:

Profª -1- Decodificar sons em letras e após em palavras

Profª -2- Domínio da escrita e leitura

Profª -3- Não fez

Profª -4- Decodificação de símbolos gráficos, ler e escrever

Profª -5- Os dois estão relacionados e não existe um sem o outro

Profª -6- Decodificação de símbolos gráficos. Ler e escrever

Profª -7- Alfabetização está relacionada com o letramento

Profª-8- A criança identifica códigos, gráficos e começa a identificação das palavras com leitura e entendimento do que lê e interpreta

Profª -9- É o início do estudo de um ser, da criança como aluno, aprender os conteúdos das letras, palavras, seu mundo

Profª -10- As duas se fundem uma é complemento da outra. Em termos gerais usamos as duas nas falas

Letramento:

Profª -1- Ler, escrever e principalmente compreender o que leu e escreveu

Profª -2- Entendimento da leitura e da escrita

Profª -3- Não fez

Profª -4- Entender, interpretar aquilo que se escreve, está escrito exige raciocínio

Profª -5- A criança identifica códigos, gráficos e começa a identificação das palavras com leitura e entendimento do que lê e interpreta

Profª -6- É o complemento da alfabetização

Profª -7- As duas se fundem uma é complemento da outra. Em termos gerais usamos as duas nas falas

Profª -8- Entender, interpretar aquilo que se escreve, está escrito exige raciocínio

Profª -9- A criança identifica códigos, gráficos e começa a identificação das palavras com leitura e entendimento do que lê e interpreta. É o complemento da alfabetização. As duas se fundem uma é complemento da outra. Em termos gerais usamos as duas nas falas.

Profª-10- Entender, interpretar aquilo que se escreve, está escrito exige raciocínio

- A criança identifica códigos, gráficos e começa a identificação das palavras com leitura e entendimento do que lê e interpreta

- É o complemento da alfabetização

- As duas se fundem uma é complemento da outra. Em termos gerais usamos as duas nas falas

2)Hoje quais são os fatores que mais interferem negativamente no processo de alfabetização e no letramento de seus alunos?

Profª -1- Falta de educação, limites, respeito dos educandos

Profª- 2- Falta de motivação, desinteresse, metodologia inadequada, pressa, falta de paciência

Profª - 3- Não fez

Profª -4- O não acompanhamento da família neste processo; a falta de interesse da criança, que não é estimulada; a falta de respeito as regras e limites no convívio social

Profª - 5- A família negligente, a mídia... o uso indevido da tecnologia

Profª -6- O não acompanhamento da família neste processo a falta de interesse da criança que não é estimulada, a falta de respeito as regras, limites no convívio social (escola)

Profª -7- Família, mídia, tem muitas falhas, claro que depende muito como é colocada

Profª -8- A família hoje não esta mais cumprindo com seu papel integralmente e muitas de suas obrigações passa para a escola: valores, limites, respeito, responsabilidades... parceria entre família e escola

Profª -9- A mídia, as relações familiares, os descasos e abandono

Profª10- As mídias interferem de forma negativa, pois nem sempre dão bons exemplos; a falta de estrutura da família, interesse; desânimo dos professores, baixos salários, salas lotadas, despreparo

3) Sabendo disso, como você tem solucionado, em sala de aula, os problemas de leitura e escrita de seus alunos?

Profª -1- A tarefa é árdua e cansativa e exige vontade do educador; é necessário criar outras alternativas para sanar as dificuldades

Profª -2- Peço para que leiam com mais atenção (5º ano) prestando mais atenção na escrita das letras e números

Profª-3- Proporcionando momentos de leitura, escrita (produções) e atendimentos mais individualizados chamando a atenção a algumas questões que devem ser melhorar. Há também o projeto sacola de leitura que vai para casa além de salientar bons exemplos

Profª -4- Procurando todos os dias novos recursos, novos modos de trabalho, apoio dos colegas, pesquisas

Profª -5- É um trabalho em passos de formigas, de todos os dias, muitas leituras, assuntos diferentes, formas dinâmicas de trabalhar para tentar mostrar como corrigir nossos erros na hora de ler e escrever

Profª -6- Fazendo o possível e o impossível quando o aluno quer aprender, auxiliando com atividades extras chamando para explicar e orientar mais laboratório de aprendizagem

Profª -7- Conversas, brincadeiras, danças, procuro deixar as crianças bem a vontade para que expressem o que estão sentindo

Profª -8- Procuro me empenhar no trabalho com atividades lúdicas, partindo de suas vivências p/ elaborar os projetos

4) Na sua infância, você ouvia histórias com frequência? Quem contava as histórias? Das histórias contadas quais lembranças que mais lhe emocionam?

Profª -1- Sim, minha tia, mãe; lembro muito dos clássicos (Chapeuzinho vermelho, Branca de Neve, Pinóquio...)

Profª -2- Sim a mãe e o avô paterno

Profª -3- Não muito, mãe, vó, sobre como era antigamente, em livro, não lembro

Profª -4- Não, de vez em quando na escola; eram tão raras; não lembro de nenhuma delas

Profª -5- Meus pais sempre contaram histórias para nós (4 filhos). A mãe sempre interpretava para nós algum personagem nos teatrinhos que apresentamos para a família a partir do que eles contavam. Nossa família tem o hábito de contar, ler e ouvir histórias, brincar, dançar e interpretar. Minha mãe, pai sempre participaram junto com os filhos, sobrinhos e amiguinhos

Profª -6- Ouvia várias histórias, contadas pela mãe, pai e avó. Tenho lembranças de muitas, pois a forma como nos contou era cativante

Profª -7- Ouvia histórias na escola, ou minhas irmãs me contavam, já faz muito tempo a memória já não faz lembrar

Prof -8- Sim, meus pais e avós. De meu pai

Profª -9- Não

5) Você utiliza a contação de histórias em sala de aula? Quando? E por quê?

Profª -1- Sim, geralmente uma vez por semana e principalmente pra incentivá-los a criar o hábito da leitura

Profª -2- Estou fora da sala de aula, mas contava todas as semanas e a partir delas desenvolvia as aulas

Profª -3- Não no momento estou fora da sala de aula, mas sempre utilizei, por que é muito importante para despertar o gosto pela leitura e do assunto a ser trabalhado

Profª -4- Sim em vários momentos, por prazer de ler e quando se relaciona com o trabalho em sala de aula, contribui para o aprendizado. É importante p/ o desenvolvimento da criança ouvir boas histórias

Profª -5- Sempre. Toda hora é hora para contar, relembrar o conto, uma fábula... Sempre lembrando que essas histórias são para crianças, nunca interferindo nunca interferindo na sua interpretação. Assim, estamos ajudando as crianças a lidar com seus medos, angústias, tristezas sem perceber que

estão sendo trabalhados. Isso ajuda muito no desenvolvimento humano da criança

Profª -6- Alguns sim, depende muito do momento, precisa ser feito um trabalho antes para acalmá-lo, fazer com que tenham concentração, e precisamos saber como contar, trazer emoção

Profª -7- Conto história praticamente todas as aulas pois é uma maneira que utilizo para tratar um conteúdo, um assunto, tudo pode ser usado quando se conta uma história

Profª -8- As vezes inicio com uma história e aproveito para passar uma mensagem sobre valores, em outros momentos para introduzir conteúdo novo

Profª -9- Sim, quase todos os dias. São pequenos do pré e precisam disso

Profª -10- Sim, não há um dia certo. Quando quero enfatizar um tema especial, quando um aluno traz um livro, quando surge oportunidade

6) Quando você conta histórias para seus alunos eles se concentram?

Profª -1- Geralmente sim

Profª -2- Muito

Profª3- Sim, quase todos

Profª -4- Geralmente sim

Profª -5- Se concentram bastante, isso é facilmente percebido pela expressão deles

Profª -6- Alguns sim, depende muito do momento, precisa ser feito um trabalho antes para acalmá-lo, fazer com que tenham concentração, e precisamos saber como contar, trazer emoção

Profª -7- A maioria sim, os que não conseguem são mais problemáticos, isto é possuem problemas na família que refletem em sala de aula

Profª -8- As vezes, preciso saber bem a escolha da história

Profª -9- Sim, a maioria

7) Seus alunos tecem comentários sobre as histórias que ouvem na hora do conto todas as segundas-feiras, na Rádio Escola? Eles estabelecem relação entre a história e conhecimentos escolares?

Profª -1- Sim, porém as histórias, não podem ser muito longa, eles têm dificuldades em se concentrar

Profª -2- Com certeza, ouço os comentários das crianças

Profª -3- Não, ou pouco. Falam mais quando instigados a isso

Profª -4- É um momento mágico p/ eles, é claro que fazem uma relação, pois usamos o conto para interagir em sala de aula

Profª -5- Alguns fazem a relação outros não comentam mas creio que relacionam da mesma forma, só não expõem o pensamento

Profª -6- É um momento mágico p/ eles, é claro que fazem uma relação, pois usamos o conto para interagir em sala de aula

Profª -7- Alguns comentam por conta própria outros somente quando são questionados, e aí surgem as relações com as aulas

Profª -8- Sim algumas vezes

Profª -9- Sim, em sala procuro desenvolver com atividades faladas e escritas o que acontece na rádio

8) Eles relacionam com valores, atitudes? Cite exemplos.

Profª -1- Uma minoria sim, outros por não se concentrarem não estabelecem relações

Profª -2- Quando temos algumas dificuldades de relacionamentos, lembram algumas histórias e colocam de exemplo para tentar resolver o problema

Profª -3- Estou pouco tempo com eles, mas se não forem questionados o assunto morre ali

Profª -4- Sempre que acontece algum desentendimento entre coleguinhas um tenta ajudar ao outro e lembra da fala da professora Marli

Profª -5- Quando temos algumas dificuldades de relacionamentos, lembram algumas histórias e colocam de exemplo para tentar resolver o problema

Profª -6- Alguns sim, respeito, saber ouvir

Profª -7- Sim, relatam sempre o que acontece com sua família, ou até exemplo da sala de aula

Profª -8- Sim, principalmente ao que se refere ao cuidado com a natureza e respeito ao ser humano

9) No caso dos seus alunos não estabelecerem relações com conhecimentos e valores, como você professora, poderia contribuir nesse sentido?

Profª -1- Retomando a história, relacionando com algum fato que aconteceu

Profª -2- Sempre continuo usando as histórias em sala de aula, interrogando com as crianças e fazendo eles colocarem o que aprenderam

Profª -3- Dando continuidade em sala de aula; fazendo relações, questionamentos, proporcionando reflexões

Profª -4- Retomando a história e dando exemplos reais

Profª -5- Sempre continuo usando as histórias em sala de aula, interagindo com as crianças e fazendo eles colocarem o que aprenderam

Profª -6- Conversando com os alunos em aula e explicando melhor

10) Você percebe que as histórias contribuem no letramento dos seus alunos? Em que sentido?

Profª -1- Sim, no sentido de aprender a ouvir e depois relatar e fazer relações com o cotidiano

Profª -2- Um aluno é diferente do outro, os resultados são gradativos e individuais, depende de como cada um absorveu cada história

Profª -3- Desperta o desejo de ver, ler o texto, o livro, que a profe Marli contou

Profª -4- Desperta a vontade de ler os livros, ver os desenhos

Profª -5- Sempre podem ajudar pois eles precisam desenhar e escrever frases

Profª -6- Sim, fazendo trabalhos em sala

Profª-7- Sim, eles estão ouvindo, lendo, tentando fazer relações com o que é trabalhado em sala

11) Que dificuldades você enxerga numa pessoa que conta histórias em público?

Profª -1- As vezes se “perde” um pouco na história, por isso ela deve ser curta

Profª -2- Entonação da voz

Profª -3- Mais objetividade, capacidade de cativar o público

Profª -4- A dificuldade de manter a concentração e chamar a atenção

Profª -5- Manter a concentração de todos os alunos

Profª -6- A dificuldade de manter a concentração e chamar a atenção

Profª -7- A forma de contar, expressão facial a voz...

Profª -8- Contar histórias sem motivação, só por ler

E na Rádio escola?

Profª -1- Dificuldade em ler pausadamente e com ênfase

Profª -2- Entonação da voz; mais objetividade

Profª -3- Também manter a concentração e chamar a atenção

Profª -4- Manter a atenção das crianças no trabalho

Profª -5- Deveria ser mais programação dirigida para as crianças

Profª -6- Despreparo

Profª -7- Por vezes não adequada a idade dos alunos

Qual seria a melhor solução?

Profª -1- Histórias curtas, cantar cantigas curtas e na medida do possível fazer o aluno participar para interagir e não apenas ser receptor

Profª -2- Ouvir outra pessoa contar história

Profª -3- Grupos menores, temas mais adequados a faixa de idade e uso de menos recursos sonoros e visuais para evitar que se distraiam e para estimular mais a imaginação

Profª -4- Achar formas mais lúdicas para cada faixa de idade, pois temos várias realidades

Profª -5- **Contaçõ de histórias de forma diferenciada - crianças**

Profª -6- Planejamento de acordo com a idade

Profª -7- A história não precisa ser longa mas com uma boa mensagem, adequar a idade

Depoimento da Professora C– 01/11/2012

Enquanto educadora de uma turma de terceiro ano, acredito que o contato com a literatura é fundamental para todos e em qualquer idade. Mas para as crianças tornou-se essencial esse trabalho porque possibilitou a elas a criação de vínculos com a linguagem, com a arte, com nossas tradições culturais em um momento crucial da vida, quando estão se constituindo, fazendo os primeiros contatos com elas mesmas, com o outro e com o mundo.

O trabalho feito pela nossa colega Marli fez com que as crianças se interessassem pela leitura, contribuindo para aumentar suas mentalidades, superar preconceitos e combater atitudes discriminatórias, e que por sua vez são finalidades que envolvem lidar com valores de reconhecimento mútuo, o que é tarefa não só da educação formal, mas da sociedade como um todo.

É interessante para as crianças esse projeto, porque são trabalhados diferentes tipos de textos, levando em consideração o contexto da criança, sua história, suas vivências, não fornecendo a elas coisas prontas, mas procurando

trazer valores que fazem parte do cotidiano e também foi criado condições para que as crianças percebam que a leitura é importante para seu desenvolvimento e contribui para sua interação enquanto sujeito produtor e transformador da história.

Dentre todas as histórias contadas saliento que foi a mais comentada e discutida em aula: A importância do Perdão onde salientava que perdoar faz bem para quem perdoa, pois quando perdoamos nos sentimos bem e tranquilos. Quando não perdoamos, ou ficamos magoados, guardamos lixo no coração. O perdão verdadeiro é o que vem do coração e inclui esquecer a mágoa e não desejar o mal ao ofensor. Conforme ensinou Jesus, devemos perdoar setenta vezes sete vezes, ou seja, devemos perdoar sempre todas as pessoas.

Depoimento da coordenadora C.E.M sobre a importância da hora do conto ou história na rádio escola

Muitos são os motivos que nos levam a contar histórias: o clima de alegria e interesse que elas despertam. Vários também são seus objetivos, como: formar o gosto pela leitura, divertir e estimular o desenvolvimento da imaginação, atenção, observação, memória e reflexão. Ouvir a leitura de histórias leva os alunos a perceberem as características da língua escrita, cuja sintaxe e cujo léxico não são os mesmos da língua oral. Com essa prática, constatamos que não só o conhecimento da língua pode ser enriquecido no contato com a literatura, mas também a experiência indireta do mundo. A arte de contar histórias ganhou uma conotação maior, como valoroso instrumento no processo educativo, devido ao seu aspecto lúdico. Contar histórias passou a ser compreendido como uma possibilidade bastante rica de estratégia alternativa para se obter subsídios no redimensionamento dos trabalhos com crianças, estabelecendo linhas muito mais positivas na ação educativa, ajudando a desmistificar a relação leitor e livro e proporcionando momentos agradáveis de prazer e alegria no contato com o mundo mágico da literatura oral.

Acreditando na importância do faz de conta, da fantasia, do encantamento da hora do conto para o desenvolvimento da criança é que propomos reavivar esta arte milenar no contexto de nossa escola através do momento dedicado a contação de história frente a esta proposta a escola conta com a valorosa ajuda da professora Marli Locatelli que mesmo fora do seu horário vem à escola e encanta as crianças das séries iniciais com lindas e educativas histórias.

Excelentes trabalhos estão sendo construídos a partir das histórias contadas. Outro aspecto importante que as histórias fazem inferências com os projetos que estão sendo realizados como: Meio ambiente, valores, Sacola da leitura, Datas Cívicas, Dia da Criança, Etnias, Consciência negra e tantos outros.

Poderíamos dizer muito mais sobre esta ação educativa, mas com certeza nossa escola irá demonstrar crescimento na sua avaliação nos próximos anos. Queremos dizer a professora Marli OBRIGADA, que Deus lhe de saúde e esta compreensão tão importante frente a essa prática tão sublime que é contar histórias.

Um abraço da coordenação e professoras.

ANEXO B – QUESTIONÁRIO E RESPOSTAS DOS ALUNOS

Relatos dos alunos

1) Você gosta de ouvir as Histórias contadas pela Professora Marli no programa Rádio na Escola? Explique por quê? A maioria respondeu:

Por que tem brincadeiras (L 2º ano)

Aprendemos (C 1º ano)

É legal (M 1º ano)

Aprendo mais (A 3º ano)

Tudo é bonito (B 2º ano)

É emocionante (F 3º ano)

Aprendo a respeita o outro (G 3º ano)

Traz conhecimentos (T 3º ano)

2) Como você descreveria a programação da Rádio Escola e contação de Histórias?

Muito bom (L 3º ano)

Aprendo muita coisa legal (KF 3º ano)

Uma programação divertida (LB 1º ano)

Faz a escola ficar melhor (N 3º ano)

Aumenta a inteligência (M 3º ano)

São muito boas (A 3º ano)

É divertido (LB 1º ano)

Interessantes (A 2º ano)

Tem música, brincadeiras e histórias (EZ 2º ano)

Lá a gente aprende (MW 3º ano)

Muito legal e nos diverte muito (S 1º ano)

Aprendo a ler e escrever (K 3º ano)

Radio é um programa muito legal (MD 3º ano)

Das histórias fico imaginando sempre como é o final (B 2º ano)

Aprendo a ouvir e escutar (G 3º ano)

3) O que você mais gosta desse momento? Predominou as músicas e as histórias

As músicas e as histórias

As brincadeiras, danças, histórias (N 3º ano)

Os desenhos por que aprendo a desenhar (G 3º ano)

As histórias de Jesus e tudo (KF 3º ano)

Ficar conversando (MEC 3º ano)

4) Esse programa é ou não é legal? Diga por quê?

Aprendo mais (EZ 2º ano)

Aprendo a ouvir (G 3º ano)

Porque vou a frente e uso o microfone (para falar sobre as minhas origens: polonês) (G 3º ano)

Tem histórias importantes (C 3º ano)

De cantar todas as músicas (A 3º ano)

Gosto porque é momento de silêncio (T 3º ano)

Esse programa tem que continuar (ME 3º ano)

Por que agente aprende (K 3º ano)

Legal porque é bom (A 3º ano)

Porque tem histórias (T 3º ano)

Porque ensina (MV 3º ano)

Porque é divertido de aprender (J 3º ano)

É demais as histórias (JV 2º ano)

Tem histórias diferentes (A 2º ano)

Porque adoro música (J 1º ano)

Porque aprendo de um jeito diferente (A 2º ano)

Porque tem pessoas divertidas (LC 2º ano)

Ensina canto de Natal (G 1º ano)

Porque todos podem sorrir (F 3º ano)

5) O que você aprende?

A contar histórias (K 3º ano)

Escutar e Desenhar (R 3º ano)

Ficar sentado em Silêncio para escutar (J 1º ano)
Aprendo a ouvir e cantar (P 3º ano)
Aprendo muita coisa boa e divertida (N 3º ano)
Respeitar os mais velhos (G 1º ano)
Histórias (L 1º ano)
Músicas (G 1º ano)
Tudo (A 3º ano)
Aprendo que devemos ouvir conselhos dos mais velhos (S 1º ano)
Respeitar uns aos outros (S 1º ano)
Conhecimentos (AC 3º ano)
Cantar (M 3º ano)
Aprende a ler (F 3º ano)
A escrever bastante (L 3º ano)
A ser educado (G 3º ano)
A não brigar, não desejar o mal para os outros
Obedecer os mais velhos (A 3º ano)
A gostar de ler (L 1º ano)
Respeitar os colegas (V 3º ano)
Muita coisa (T 3º ano)
Escutar (A 1º ano)
Imaginar (A 1º ano)
Que a vida é mais bela quando se escuta música (J 1º ano)
Aprendo a gostar de ler e escutar (LL 1º ano)
Coisas legais (N 2º ano)
A me divertir (EZ 2º ano)
Prestar atenção (A 2º ano)
Palavras novas e histórias novas (B 2º ano)
A comunicação (G 7º ano)
Não importa a raça e sim o coração das pessoas (G 2º ano)

ANEXO C – PROGRAMAS DE RÁDIO

**PROJETO RÁDIO NA ESCOLA
ROTEIRO DO PROGRAMA RÁDIO CEM –
SEMANA DA CRIANÇA
COLÉGIO ESTADUAL MODELO**

Data: 08/10/2012

MÚSICA DE ABERTURA: Depende de Nós – Ivan Lins – Batati Batata

Todos: Bem vindos a Semana da Criança! Vamos todos juntos Cantar nº 4

- HORA DA ALEGRIA – Osvaldo Biancardi – Calendário de outubro

LOCUTOR 1: Boa tarde crianças para vocês que estão ligados na **Rádio CEM** nesta segunda-feira queremos falar sobre o Dia da Criança!

LOCUTOR 2: Parabéns a todas as crianças aqui presentes!

LOCUTOR 1: Queremos parabenizar a todas as professoras que também estão vivendo seu espaço criança! Parabéns a elas!

LOCUTOR 2: Esta semana vai ser um sucesso! Mas você precisa colaborar, fazendo silêncio no momento das apresentações e participar e cantar quando for seu momento.

LOCUTOR 1: Você percebeu que temos alguns brinquedos não tão modernos aqui? Preste atenção porque eles têm uma história a contar a vocês!

LOCUTOR 2: Você sabe qual o objetivo de se comemorar o dia da criança no Brasil? Será que uma professora voluntária pode nos dizendo quando foi que surgiu o dia da Criança no Brasil?

Quem vem nos contar? Não precisa ficar tímida, pois o objetivo da Rádio é vencer a timidez?

LOCUTOR 1: Esse dia foi criado oficialmente no Brasil por ideia do deputado Galdino do Vale Filho e oficializado pelo presidente Artur Bernardes, em 1924. Mas só na década de 1960, que a ideia emplacou de verdade.

Continuando gostaria de frisar que esse dia surgiu com o objetivo puramente comercial.

Quando duas empresas a Jonson e a Estrela, resolveram aderir, em torno da data que já existia. Foi assim que esse dia passou a ser comemorado no dia 12 de outubro.

LOCUTOR 2: As vendas de brinquedos aumentaram muito.

LOCUTOR 1: Você gosta de ganhar brinquedos?

LOCUTOR 2: Você sabe que muitas crianças não ganham brinquedos nesse dia?

LOCUTOR 1: Que tal você que tem bastante limpar e lavar aqueles brinquedos usados que não gosta mais e repartir as crianças que não tem? Quando a gente reparte com quem não tem nosso coração fica mais alegre. Seja feliz!

LOCUTOR 2: Criança tem direitos? Agora quero ver quem sabe quais são os principais direitos da criança? Vamos ver quem vem aqui na frente dizer (aguardar e dar espaço a todos que queiram falar).

LOCUTOR 1: Vamos dizer os principais direitos: Direitos de brincar, ter uma casa, ter alimentos, ter saúde, ter uma família, receber amor. Tem direito de não sofrer nenhum abuso ou violência. Todas as crianças deveriam ter seus direitos respeitados.

LOCUTOR 2: Chegou a hora de ouvir a nossa **história de hoje** com a Professora Marli **PIRATA DAS PALAVRAS**.

Não esqueçam que esta semana você tem que ser um pirata das palavras! Quem vai fazer a tarefa? Montar seu livro de palavras! Que brincadeira legal!

VINHETA: RÁDIO CEM

LOCUTOR 1: DEUS É ALEGRIA. UMA CRIANÇA É ALEGRIA. DEUS E UMA CRIANÇA TEM ISSO EM COMUM: AMBOS SABEM QUE O UNIVERSO É UMA CAIXA DE BRINQUEDOS. DEUS VÊ O MUNDO COM OS OLHOS DE UMA CRIANÇA. ESTÁ SEMPRE A PROCURA DE COMPANHEIROS PARA BRINCAR.

Música: Batati Batata nº 1

LOCUTOR 1: Teremos hoje repórteres mirins entrevistando a professora Ione, Angela e Dinara. Com você os repórteres mirins do 2º ano, 1º ano e pré: Stéfani, João e Pâmela.

- 1) De que você brincava quando era criança?
- 2) Qual era o seu brinquedo preferido?
- 3) Onde você brincava?
- 4) Quais são as brincadeiras das crianças de hoje igual as suas?

LOCUTOR 2: Com a palavra as professora do Pré para falar de seu brinquedo da exposição e depois convidar seus alunos para realizarem sua brincadeira.

LOCUTOR 1: Agora vamos ouvir a professora Angela do 1º ano sobre seu brinquedo preferido.

LOCUTOR 2: Vamos agora ouvir as apresentações de cada turma. No final vamos dar aplausos pelo que bonito fizeram.

Brincadeiras PRÉ-Professora Dinara: Música cantada e dramatizada a História da Semente.

Brincadeiras 1º anos:

Profe Fernanda: Palhacinho atrapalhado (dramatizado)

Profe Angela: Tomatinho Vermelho (dramatizado)

Brincadeiras 2º anos:

Profe Claudia: Não Atire o Pau no Gato (dramatizado)

Profe Ione: A linda Rosa juvenil (dramatizado)

Brincadeiras 3º anos:

Profe Cristina: Marcha Soldado (dramatizado)

Profe Margarete: Terezinha de Jesus (dramatizado)

LOCUTOR 1: Gostou do programa de hoje??? Palmas para as suas professoras!

Amanhã tem mais. Aguardem! Será uma semana muito legal. Até a próxima Rádio na Escola. Um grande beijo da nossa Equipe.

PROJETO RÁDIO NA ESCOLA
ROTEIRO DO PROGRAMA RÁDIO CEM –
Com árvores teremos um mundo melhor
COLÉGIO ESTADUAL MODELO

Data: 24/09/2012

INSERIR VINHETA:

MÚSICA DE ABERTURA: Depende de nós (Lá espiga madura - Batati-Batata)

LOCUTOR 1: Boa tarde crianças para vocês que estão ligados na **Rádio CEM**. Depois de um bonito final de semana, com muito sol e uma temperatura agradável de primavera, estamos de volta para juntos participarmos de mais um Rádio na Escola. /Na locução **Alice e** / Na reportagem **Gabriela**/ Na técnica de som **Muriel**, sob a orientação da professora **Marli LOCATELLI**./

LOCUTOR 2: Queremos saber quem gostou do programa da semana passada, levanta a mão bem alta. A boca é para permanecer fechada. Psiu! Hoje queremos aprender sobre a importância que as árvores tem para termos VIDA NO PLANETA TERRA.

INSERIR VINHETA: Rádio CEM

REPÓRTER: Trouxemos notícias importantes sobre a **ÁRVORE**. Queremos a participação dos repórteres mirins do terceiro ano da Professora Daiane, cada um trazendo sua notícia que ajudará a melhorar o planeta.

1 - Plantar uma árvore é contribuir para a vida.

2 - Para diminuir o gás carbônico na atmosfera é preciso plantar árvores, que absorvem gás carbônico.

1 - As árvores reduzem a incidência de asma, câncer de pele, e doenças relacionadas ao estresse, pois ajudam a diminuir a poluição do ar.

2 - As árvores preservam os ambientes florestais para a vida animal.

1 - Onde tem árvores não existe a desertificação, ou seja, desertos.

2 - Ela é uma fonte de material de construção e comida para as futuras gerações.

1 - As árvores reduzem a poluição sonora e os ventos mantendo a umidade do ar e chuvas regulares.

2 - São refúgios para pássaros, macacos e milhares de insetos.

1 - Fornecem base para produtos como medicamentos e chás, além das frutas, flores, sementes, fibras, madeiras, látex, resinas e pigmentos.

2 - As árvores fazem a fotossíntese que liberta oxigênio para a atmosfera.

1 - Promovem a saúde dos solos e evitam a erosão de solos, com a ajuda de suas raízes, mantendo vivos os rios.

2 - Os homens precisam ter consciência de que as plantas são seres vivos e que levam tempo para se desenvolverem. Proteja as árvores.

LOCUTOR: Vamos cantar todos juntos: **Cuide bem da Árvore**, com a professora Marli.

1) Cabeça tronco e membros/Esse é o corpo da gente/Copa, tronco e galhos/A árvore é nossa parente?

2) Então vamos cuidar dela/já que ela não pode falar/Vamos falar por ela/Não deixando ninguém maltratar.

3) A árvore é o grande pulmão/Que fica o ar da Terra/Ensinando essa lição/Espantamos a poluição.

4) Cuide bem, cuide bem/Da árvore da sua rua/Cuide bem, cuide bem/Que a vida vai lhe dar nota cem.

LOCUTOR: Que bonito! Essa música falou da árvore e sua importância para nós no planeta Terra. É com você repórter...

REPÓRTER: Quero ver se vocês entenderam o que a música nos ensinou?

1º Venha cá você. Como é seu nome? Agora me responda: Qual a parte do nosso corpo que a árvore representa quando falamos de ar?

2º Por que a árvore é importante?

LOCUTOR: Vamos ouvir agora um **jogral** pelos alunos do 2º ano.

As crianças formam três grupinhos no palco.

GRUPO A: Crianças

GRUPO B: Passarinhos

GRUPO C: Flores

As crianças do grupo B caracterizadas de passarinho, com máscaras com bicos e asas de papel crepom. As crianças do grupo C caracterizadas de flores com toucas, com pétalas, colan e saias em papel crepom ou tule.

Uma menina representa a árvore. Quando as coleguinhas formam os grupinhos, ela já deve estar lá, ao centro bem quietinha. Ela observa em torno de si e logo exclama:

- Como está lindo o meu jardim! Parece que a primavera está chegando...

As crianças dos grupinhos A, B e C falam:

- Bom dia, Senhora Árvore! Bom dia!

A árvore responde:

- Bom dia! Quem são vocês? O que fazem no meu jardim?

GRUPO A

Somos muitas crianças;

Tua sombra viemos procurar.

E também os teus frutinhas

Queremos experimentar.

O teu cantinho é gostoso,

Teu ar puro é proteção.

O teu fruto delicioso

É doce alimentação.

A árvore se dirige aos passarinhos:

- Vocês aí, quem são?

O GRUPO B:

Somos os passarinhos,

Em ti faremos nossos ninhos.

Aqui viveremos contentes

A cantar pra toda gente.

O GRUPO C:

Somos as flores.

Que a Primavera traz em profusão.

Flores que nascem da terra.

E flores que jogas no chão.

Nós nos misturamos assim,

Numa alegria de cores.

E fica todo o teu jardim,

Enfeitadinho de flores.

A árvore exclama, contente:

- Estou contente! tenho muitos amiguinhos no meu jardim.

Para terminar, a árvore e seus amiguinhos cantam:

(Música: Pirulito que Bate Bate)

Passarinho a saltitar,

Cantando alegre assim.

Flores a enfeitar

Para sempre o meu jardim!

Primavera aqui sentimos,

Tantas flores nunca vimos. {bis}

Borboletas a voar,

O sol brilhando enfim.

Flores a enfeitar,

Como é lindo o meu jardim.

LOCUTOR: Vamos cantar PRIMA, PRIMA, PRIMAVERA cd Calendário de setembro

Inserir vinhetas:

LOCUTOR: Vamos ouvir agora uma poesia em conjunto com os alunos do 1º ano: **A SEMENTINHA**

Era uma vez uma sementinha...

Tão pequenina e tão simplesinha...

Com carinho foi plantada...

E com amor foi cultivada...

De repente o que aconteceu?

Uma plantinha de lá nasceu.

Uma bela árvore agora vai se tornar

Junto conosco ela vai crescer

Bons amigos iremos ser!!!

LOCUTOR: Agora chegou o momento de ouvir nossa história intitulada: “A árvore Generosa”, com a professora Marli.

LOCUTOR 2: Encerramos assim esta programação especial da Rádio CEM direto do salão da escola./ A sua audiência e participação foi muito importante para nós./ É por meio desta participação e este apoio que a rádio **CEM** vai

continuar crescendo. /Desejamos uma ótima semana a todos./ São os votos de todos os integrantes da rádio CEM. /Uma boa tarde. Fique com a nossa última audição musical enquanto todos se retiram em silêncio.

Sinfonia da Natureza com: Patati Patatá